



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Audiovisual e Publicidade - DAP

O Plano dos Maus Afetos

Aluna: Ana Maria Ultra

Orientador: Prof. Gustavo de Castro

Brasília, junho de 2014

Ana Maria Ultra Alves

O Plano dos Maus Afetos

Memória de Pesquisa de Produto apresentado para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual, sob orientação do Prof. Dr. Gustavo de Castro

Brasília, junho de 2014.

RESUMO

Não há como falar da juventude de quem morou, estudou ou mesmo veio de passagem por Brasília na década de 80 e 90 sem se lembrar das “gangues brasilienses”. Este projeto constitui pesquisa, argumento, orçamento e cronograma de filmagem de documentário em média-metragem, cor, em formato digital, que resgata a perspectiva de quem participou desses grupos de jovens, que acabaram por criar uma forma própria de definição do espaço público da capital do país. Realizado com depoimentos orais, materiais de arquivo e matérias publicadas na imprensa, este projeto apresenta como principal proposta a viabilização de um documentário que propõe reflexão sobre a vivência na capital do Brasil, a fim de transmitir de forma imagética, para a região e para além dos limites territoriais da cidade, aspectos sociais, culturais e psicológicos de moradores de Brasília.

Palavras-chave: 1 – Gangues, 2 – Galeras, 3 – Brasília, 4 – Plano Piloto, 5 – Documentário, 6 – Comunicação

SUMÁRIO

Introdução.....p. 5

Parte I: Memória da Pesquisa

Justificativa e Problemas da Pesquisa.....p. 12

Objetivos.....p. 19

Referencial Teórico.....p. 20

Metodologia.....p. 24

Conclusões.....p. 27

Referência Bibliográfica.....p. 29

Referência Filmográfica.....p. 30

Parte II: Projeto de documentário de média – metragem

Sinopse.....p. 32

Argumento.....p. 33

Roteiro para entrevistas.....p. 41

Orçamento.....p. 55

Cronograma.....p. 57

Currículos resumidos dos integrantes da equipe artística/técnica.....p. 59

INTRODUÇÃO

Certa noite, no fim do ano de 2012, um colega e eu conversávamos sobre nossa infância e adolescência na jovem cidade de Brasília. É muito comum que eu exalte minhas falas e gesticulações sempre que começo a lembrar o lugar em que passei os primeiros 10 anos de minha vida. Meu pai, militar, foi transferido de São Paulo para Brasília em 1976. As Superquadras das Regiões Administrativas Asa Norte e Asa Sul do Distrito Federal resumiam-se a quarteirões residenciais, condomínios abertos construídos em sua maioria sobre pilotis.

Dentre as 32 Superquadras existentes em Brasília, passei minha infância em uma, da qual a lembrança mais forte que tenho é a interação que existia entre os moradores de lá. A 306 Norte era a “Minha Quadra”.

Durante a conversa despretensiosa que se seguia entre eu e meu colega, percebi que o termo “Minha Quadra” era usado repetidamente por nós dois no decorrer de nossos “causos” e histórias. Naquela hora notei que a inquietação e euforia que surgiam a cada vez que eu revivia os momentos de minha infância na 306 Norte, também acometiam meu colega, a respeito da “Quadra Dele”. Comecei a reavaliar a dimensão especial que eu carregava da “Minha Quadra”, e logo notei que essa sensação também se fazia comum em outros moradores de outras Superquadras do Plano Piloto. Concluí que esta é uma expressão coletiva, que assume tom possessivo e de pertencimento dos moradores desses conjuntos habitacionais do centro de Brasília e, cada morador a usa se referindo, não só à divisão que indica a numeração do seu endereço residencial, mas também com o propósito de diferenciação e exclusividade a respeito de território, costumes e comportamentos dos moradores dali.

Observei um fator interessante. Ao expormos nossas experiências locais, logo passamos a falar das galeras da juventude, da rapaziada que dividiu isso tudo conosco. De alguma forma, conversávamos, cada um de nós dois, sobre seu “próprio” território. E inevitavelmente citamos as ações de grupos de jovens que se reuniam, cada um em sua quadra, com ações que buscavam reafirmar essa noção

de territorialidade. Esses grupos, genericamente definidos como “gangues”¹, eram numerosos, muito comuns e presentes no cotidiano de quem quer que morasse no Distrito Federal nas décadas de 80, 90 e 2000. No Distrito Federal, 12,2% dos jovens afirmavam pertencer a gangues em 1999 (ABROMOVAY, 1999). Neste mesmo ano, foram destacadas 95 gangues de quadra na região (ABROMOVAY, 1999), identificadas por siglas e abreviações de nomes que denotavam transgressões urbanas. Mas para além da pichação, da adrenalina, do prestígio e da rivalidade, estas gangues criaram uma forma própria de definição do espaço público do centro do DF, o Plano Piloto. Na década de 90, existia quase um consenso de que Brasília não oferecia muitas alternativas de lazer. Os espaços abundantes entre uma quadra e outra davam impressão de liberdade e ao mesmo tempo de vazio. As Gangues formaram um meio de socialização e afirmação de identidade entre os jovens, na sua maioria filhos de funcionários públicos de alto cargo da capital; delimitaram territórios e os mantinham sob vigilância. Para qualquer adolescente de Brasília, o deslocamento casa-escola era sempre pautado pela atuação dos grupos que rondavam as superquadras pelas quais se passava. A cidade toda viveu aquilo. Mesmo quem não pertencesse a nenhuma “gangue”. Mesmo quem não morasse na periferia do DF.

Saí dessa conversa rumo a uma longa busca de mim mesma para com a cidade, chegando a essa proposta que me dava a oportunidade de refletir sobre muitos dos nossos estereótipos. É de costume pensar a violência como resultado direto da miséria. Os perigos vinham dos “pobres”, sem opções, mas naquela época, as “gangues” deixaram de se destacar somente nos bairros de baixa renda do Brasil e passaram a se tornar muito comum para os habitantes do centro da 3ª cidade mais rica do país (IBGE), o Plano Piloto. Brasília abarca até hoje uma miscelânea cultural e étnica, porém sua caracterização massiva de moradores é de classe média alta.

¹ A origem da palavra “gangue” veio da adaptação da palavra norte-americana “gang” para o português. O tema começa a adquirir destaque nas Ciências Sociais na década de 20, no âmbito da renovação dos estudos urbanos realizados pela Escola de Chicago. Nos Estados Unidos, as gangues possuem décadas de história e têm grande importância na organização da vida coletiva das cidades. Configuram-se como um elemento característico da divisão do espaço urbano, que historicamente tem suscitado conflitos violentos de caráter notadamente étnico. Alguns pesquisadores focalizam principalmente a formação de uma identidade étnica e/ou de gênero dominante, fortemente delineada por forças como a segregação, a imigração e a exclusão da escola e do mercado de trabalho. (Miriam Abramovay. Geramond, 1999) .

Minha pesquisa iniciou-se naquele mesmo instante, e a partir dali, novas conversas e leituras nortearam meu processo de criação, no intuito de transformar o enredo das histórias que ouvia em um filme.

Minhas reuniões com meus irmãos mais velhos, seus colegas e os meus, que compartilham dessas histórias comigo, me abriram caminhos para chegar a pessoas que participaram efetivamente das gangues de Brasília. Nas conversas que se sucederam a partir de então, destacou-se que a percepção de organização espacial da cidade tende mais ao fator de distanciamento do que de aproximação entre pessoas e/ou grupos. A maioria considera a cidade fechada, um lugar em que não existem raízes culturais e interesse pelo outro. Mas sim onde sobra muita corrupção política e muitas “panelinhas”, as pessoas vivem muito juntas, em grupinhos nas quadras, são individualistas e não pensam no coletivo; é uma cidade difícil de fazer amizades. Esse pensamento é comum tanto nas pessoas mais velhas quanto nas mais novas que usei como fonte primária de pesquisa.

Em pesquisa realizada pela UNESCO também é possível observar esse tipo de pensamento entre os jovens brasilienses:

As críticas à cidade, porém, passam geralmente à margem desse sentido instrumental e recaem sobre a sociabilidade e o modo de interação entre seus habitantes. Nos discursos dos jovens, essas críticas se traduzem nas dificuldades em fazer amizades, na falta de opções de lazer, no isolamento, na visão negativa da organização espacial da cidade. (WAISELFISZ et alii, 1997)

A violência urbana está longe de ser um fator unicamente presente em Brasília. Os atritos entre grupos de jovens são comuns em várias esferas da sociabilidade: desde território, ciúme e partidas de futebol. Mas, em Brasília, quando os desentendimentos iam um pouco mais longe, a razão territorial era quem norteava os conflitos. “Valia o fator ‘fica na sua porque você está na minha quadra, minha área’. Isso significava que ‘você tem que tomar cuidado com a minha galera” (LEMOS, 2013). Este tipo de envolvimento com áreas especificadas gerava conflitos físicos de níveis altíssimos de violência através de lutas corporais entre dois jovens, às vezes trinta, às vezes entre os moradores de duas Superquadras inteiras, envolvidos em disputas agressivas generalizadas, que resultavam em espancamento, lesões graves, prisões, e, algumas vezes, em mortes. Esta cidade

jovem possui certa atmosfera separatista involuntária, mais predominantemente pelo aspecto vazio. Brasília era de fato sectária, sendo pouco habitada e setorizada até a década de 90.

Existe também a forte tendência de representá-la como cidade-símbolo de uma cultura de impunidade e de poder:

A proximidade do poder gera esse sentimento de onipotência que reforça, por sua vez, na visão dos pais, a ideologia da impunidade. Os jovens, por saberem que seus pais são pessoas influentes ou têm boas relações com pessoas diretamente ligadas ao poder, acreditam que nada lhes pode acontecer: 'O jovem filho de uma autoridade sabe que não vai ser punido; se ele usar droga, ele sabe que não vai ser punido' (entrevista grupo de pais de alunos/as de escola particular). "Essa história de todo mundo achar que é filho de ministro, amigo de ministro, que é amigo do porteiro do ministro, que é amigo do motorista do ministro... isso interfere muito na cabeça dos meninos.' " (entrevista grupo de pais de alunos/as de escola pública). (WAISELFISZ, 1997)

Vale salientar a separação clara que se faz do Plano Piloto e das Cidades Satélites do DF, por parte dos moradores de Brasília. Minha vivência na cidade há 27 anos me faz perceber de forma transparente o fato de que aqueles que no centro residem ignoram as Cidades-Satélites na sua programação de lazer e sustentam um discurso de total rejeição a este ambiente. Mesmo os que demonstram alguma aceitação pelas opções de lazer das Cidades-Satélites, permanece a não identificação ou não reconhecimento nesses ambientes. Pode-se perceber também a consequência dessa separação na forma como são tratados aqueles que transgrediam as normas sociais no Plano Piloto:

A diferença entre as gangues do Plano Piloto e das periferias reside em um ponto crucial; enquanto existe a possibilidade de jovens brancos de classe média alta travestirem-se de marginalizados, picharem, traficarem, roubarem, e mesmo matarem, por debaixo das vestes, sabem que contam com uma série de mecanismos que os protegem mais das agruras do universo periférico, pois participam de uma rede de influência política nobre, que lhes permitem acessar canais privilegiados do Estado. (MOREIRA, 2011)

A primeira lembrança que me vem em mente, quando se tratando das gangues do Plano Piloto, é de uma tarde, por volta de 1992, em que eu voltava da escola com minha mãe e uma colega, que também morava na 306 Norte. Em um dos pilotis de algum prédio pelo qual passávamos durante o percurso constava a pichação “RNS”. Minha colega apontou o escrito e comentou: “Olha, são os Ratos Noturnos da Seis, a galera lá da nossa quadra”. Nesta época, as paredes e muros de Brasília sustentavam as iniciais dos nomes das gangues ao longo de toda Asa Norte e Asa Sul.



A sigla FS significava Falange Satânica, o nome de uma gangue localizada nas quadras 405 e 406 Norte na década de 90.

Temida por muitos, a 306 herdou má fama desde a década de 80, misturando medo e respeito. Ser uma menina me fez viver isso de forma indireta. O perfil essencialmente masculino era uma das características daqueles grupos. Na década de 2000 algumas gangues passaram a abranger a presença de garotas, mas em formações paralelas, com o acréscimo da letra “F” à sigla da denominação referente ao grupo ao qual integravam. A GSJ-F, por exemplo, era a parcela feminina da GSJ (Grafiteiros Sem Janta). As atividades das duas subdivisões eram independentes, sendo compartilhado apenas o fator territorial.

Essa formação machista mantém o cavalheirismo entre suas regras. Alguma das razões que faziam os jovens de classe média se auto-declarem “gangueiros”,

segundo as conversas das quais presenciei era “impor-se aos outros e ganhar pontos com as meninas”.

Uma de minhas fontes primárias de pesquisa é o Professor de Matemática Wagner Lemos, colega de quadra, amigo de minha irmã mais velha, que hoje tem 41 anos. Wagner escreveu o livro *Superquadra 306 Norte – Coletânea de Contos Mínimos*, em 2003, em que narra memórias suas e de outros moradores da 306 Norte entre as décadas de 70, 80 e 90. É possível encontrar entre as histórias contadas alguns episódios inacreditáveis, como Invasão que os jovens moradores da 306 Norte fizeram à quadra 312 Norte em 1985, em que mais de duzentos garotos da “6” depredaram vidros, portarias, e jardins da “12”, para vingarem um amigo que apanhou dos moradores de lá.

Wagner também relembra o dia em que “a 306 Norte “maioral” seria testada com gente perigosa, armada e tudo mais”, se referindo aos jovens da Região Administrativa Vila Planalto:

Você deve estar pensando, quanta falta de personalidade! Que besteira isso tudo! Quanta falta de educação de jovens com “boas” condições de vida! E é verdade, mas não era tão simples assim, as coisas apenas aconteciam e qualquer garoto comum que não ficasse preso em sua casa naquela época poderia se envolver, querendo ou não, com essas situações cotidianas, pois era produto de um meio cada vez mais agressivo. As amizades na Quadra estavam enraizadas e ver um amigo ser agredido covardemente alimentava a ira da turma que buscava vingá-lo. Um ciclo vicioso e viciante. Via-se que alguns adoravam essas disputas. (LEMONS, WAGNER. Gregory, 2013, p. 68)

Hoje, o Plano Piloto está praticamente fora de pauta quando se fala das gangues juvenis na grande mídia. É com esse campo, muito comum para nós que aqui crescemos e moramos, e, às vezes, muito estranho para outros de fora, que este projeto de filme se propõe a contar uma parte da história da juventude de Brasília, com foco nas repercussões criadas no cotidiano dos integrantes desses grupos, dos demais moradores da cidade, e abordagem da mídia local, relacionando perspectivas antigas e atuais de quem viveu a década de 80, 90 e 2000 no centro da capital federal.

PARTE I – MEMÓRIA DO PRODUTO

JUSTIFICATIVA E PROBLEMAS DE PESQUISA

A presença de Brasília na mídia brasileira se dá, majoritariamente, de forma a caracterizá-la como centro político e de tomada de decisões, desde sua inauguração, em 1960. O cenário musical produzido nas ruas da cidade na década de 80 possibilitou uma outra forma de referenciamento para o lugar. Entre outros nomes e criações, destacou-se o sucesso das bandas Legião Urbana, Capital Inicial e Paralamas do Sucesso, que deu à capital do país o título de Cidade do Rock, passando então a ser notada também por sua vida cultural, com relações mais humanizadas e cidadãos ativos em âmbito local, e não apenas federal.

Em meados de 90, o modo de vida dos brasilienses ganha destaque no restante do Brasil mais uma vez. O termo “gangue” era relacionado aos grupos de jovens brasilienses ligados à delinquência. Era a vez dos jovens de alta classe social se apropriarem de ações até então comuns para classes marginalizadas - pichar, traficar, roubar, e mesmo matar – e as incorporarem como parte de sua rotina.

Os jovens que viveram em Brasília nesta época referem-se ao fenômeno das gangues como forma de sociabilidade bem brasiliense. Aqueles grupos eram constituídos nas Superquadras, e seus integrantes se conheciam desde a infância. Bater nas pessoas e guerrear por territórios tornaram-se práticas cotidianas e banais no centro da cidade.

Fútil, infantil, injustificável, ou qualquer outra definição que esse comportamento apresente à primeira vista, não furta o fato de que, violento ou não, era um acontecimento cotidiano da cidade em que vivíamos. Este período faz parte da memória de Brasília, faz referência ao modo de vida de várias gerações da cidade. No entanto, até hoje só foi mencionado em pesquisas institucionais ou em reportagens da grande mídia, claramente relacionada a ideias da política e da polícia da capital do país. Daí surge a importância de se entender o porquê do surgimento dessas gangues dentro do contexto da cidade prodígio, desta vez sob o ponto de vista dos especialmente envolvidos: os ex-integrantes das gangues.

Através deste filme será concedida a palavra a quem sempre foi atribuído o estigma de acusação, sem a oportunidade de fala, desconstruindo generalizações sobre a cidade e seus moradores. Além de instigar a reflexão acerca das mudanças

desse quadro na cidade, já que ele não permeia mais os veículos de comunicação regionais.

Assim que assumi a postura de pesquisadora sobre a temática das gangues brasileiras com o fim de criar um filme documental, comecei pela busca por outras pesquisas acadêmicas, e todo e qualquer material científico já publicado sobre o assunto. Há muito pouco, ou quase nada sobre as gangues do Plano Piloto dentre o que já foi publicado até hoje, diferente da quantidade de publicações sobre as galeras das Cidades Satélites do Distrito Federal, que são estudadas em todos os materiais que encontrei sobre juventude, comportamento, violência, transgressão e ocupação urbana no DF. O objeto que eu havia escolhido, apesar de ter sido um fato histórico, cultural e social amplamente vivenciado por toda uma cidade, por mais de três décadas, ainda não havia sido pesquisado a fundo? Não me conformava com as pequenas citações de um, dois, no máximo cinco parágrafos sobre o Plano Piloto do Distrito Federal dentre todas as pesquisas que apareciam em minhas mãos - ponto que foi sendo justificado aos poucos, mais tarde. Continuei meu processo inicial lendo monografias, dissertações, teses e artigos que abarcavam a região do DF², e pelo período de aproximadamente dois meses, o pensamento audiovisual foi deixado um pouco de lado, e, sem perceber, me lancei, exclusivamente, em estudos da área de sociologia, partindo para discussões que apontavam uma óbvia aproximação da minha pesquisa com a área das Ciências Sociais. O desafio então foi começar a pensar em uma abordagem interdisciplinar.

Até então, o que de mais próximo eu já havia estudado sobre essa proposta tinham sido os cinemas Antropológico e Etnográfico. O filme etnográfico seria “a representação de um povo através de um filme” (WEINBURGER, 1994). O enquadramento disciplinar dentro do qual o filme etnográfico é ou foi realizado usa a Etnografia e a Etnologia enquanto descrições científicas associadas à Antropologia. Para Eliot Weinburger, o “cinema etnográfico pode ser um subgênero do documentário ou um ramo especializado da Antropologia e equilibra-se precariamente nos limites de ambos” (1994). Temos como exemplos que se enquadram neste âmbito os filmes *Mestres Loucos*, de Jean Rouch e *Nanook of the North* de Flaherty, este, mesmo sem a presença de um antropólogo em suas concepções. O cinema etnográfico era sobretudo descritivo, e, assim como na

² Ver por exemplo ANDRADE, 2007; MOREIRA, 2011, WAISELISZ et alii, 1997

Antropologia, na Sociologia e nas Ciências Sociais, em geral a mudança mais notável deste subgênero consistiu no deslocamento do centro de interesse do filme já não estar tanto no exterior, no exótico de outros povos e costumes, mas no interior do seu próprio meio.

Ao pensar a aproximação do meu projeto com pesquisas da área da Sociologia, encontrei referências sobre o Cinema Sociológico no que escreveu o cineasta e crítico de cinema Jean Claud Bernardet em seu livro *Cineastas e Imagens do Povo*, em que analisa a produção de documentários no Brasil entre os anos de 1960 e 1980. Na obra de Bernardet é utilizado o termo "modelo sociológico", que consiste, basicamente, na voz *off* de um locutor que narra – por cima das imagens – as idéias centrais da produção, intercalada por depoimentos de pessoas que dão crédito a ela, tal qual podemos observar no telejornalismo diário. Os entrevistados são a voz da experiência, nunca tiram conclusões. A voz *off* possui um dono que não se identifica, é homogênea e regular, segue a norma culta, é uma voz neutra que nunca fala de si (BERNARDET, 2003)

Usando a terceira pessoa, essa voz *off*, que se tornou o principal recurso metodológico do telejornalismo brasileiro, dissolve seus entrevistados em estatísticas e idéias generalizantes, dizendo deles coisas que talvez nem eles saibam a seu próprio respeito. Os entrevistados falam de uma história individual e não se vêem como uma porcentagem. [...] De forma que a relação que acaba se estabelecendo entre o locutor e os entrevistados é que estes funcionam como uma *amostragem* que exemplifica a fala do interlocutor e atesta que o seu discurso é baseado no real (BERNARDET, 2003).

Ao imaginar a execução deste projeto, me identifico com a possibilidade de não reforçar um “monólogo autoritário”, que parece fazer parte do “método sociológico” descrito por Bernardet. O resgate pela presença das pessoas abre canais para testemunhos que estabeleçam diálogos mais democráticos, satisfazendo a possibilidade da livre expressão sem que seja preciso anular uma possível visão crítica do autor.

Ao enxergar este filme como sendo mais próximo do cinema antropológico, mesmo tendo como referência majoritária uma bibliografia do campo da Sociologia, busco pensar um cinema etnográfico que estaria além dos limites da antropologia, privilegiando narrativas de personagens que não são meros entrevistados. Inicio

uma tentativa de enfatizar não o conteúdo das falas que possam revelar “verdades” sobre o assunto tratado, mas as condições próprias de elaboração desses textos são articuladas no sentido de constituírem os sujeitos que falam. Por mais que a palavra final na formatação do filme seja a da diretora, o espaço da imagem, que eu posso até mesmo recortar na edição, busca ter traços de quem participou dele. Foi então quando percebi que meu objeto não se tratava mais das “gangues brasilienses”, mas de indivíduos que moraram em Brasília entre o período das décadas de 80 e 2000, e que eventualmente compartilharam o mesmo contexto histórico de violência na cidade. A partir deste momento passei a me referir não mais ao “meu filme sobre as gangues”, mas ao “meu filme sobre os gangueiros”.

Eu havia, então, de definir o recorte territorial e temporal de pesquisa, haja vista que este “fenômeno” das gangues do Plano Piloto permeou, durante quase 40 anos todas as Superquadras de Brasília.

Primeiramente me atentei ao fato de que o contexto abordado se insere na história da população da cidade que concentra a maior renda per capita do país, e isto se refletia na decisão de buscar por uma gama de opções de personagens, porque a classe média não apresenta questões de muita profundidade sozinha. Esta percepção foi fundamental na minha opção por uma produção de média metragem e não curta, e, considerando as baixas condições de produção como universitária e diretora estreante, optei por usar como espaço amostral moradores de 4 Superquadras do Plano Piloto, 2 da Asa Norte e 1 da Asa Sul, cada um de uma quadra diferente. A proposta também, seria de definir as escolhas entre Superquadras que foram rivais entre si.

Comecei meu recorte pela Asa Norte, onde vivo até hoje, e parti do pressuposto óbvio de minha própria experiência com minha antiga quadra, a 306 Norte. Mas não só a obviedade da sensação de pertencimento me norteou para este rumo, mas o relevante fator de reconhecimento que esta quadra tinha na década de 80 e 90. A 306 e a 312 Norte foram as primeiras Superquadras construídas na Asa Norte. As duas, além de manterem os maiores e mais famosos conflitos entre si, carregaram durante muito tempo a fama de serem lugares “da pesada”, sempre citadas entre as conversas de minha infância e adolescência pelos seus casos de pancadaria generalizada com quem quer que passasse por seus territórios. Segui com a pesquisa, buscando, então, contato com antigos moradores destas duas

Superquadras e com pessoas que se identificavam como ex-integrantes dos grupos de jovens pertencentes a elas. É preciso frisar que experienciei, nesta etapa, diferentemente das pesquisas que analisam a violência na periferia, a altíssima complexidade de se abordar esta temática entre a classe média alta, principalmente quando seus membros são alvo dela e as ações partem de seu próprio meio. Meu primeiro encontro foi com um antigo morador de minha antiga quadra, a 306 Norte, que era amigo dos meus irmãos. Wagner Lemos, já citado anteriormente, em seu livro *Superquadra 306 Norte – Coletânea de Contos Mínimos*, se inspirou nas histórias que vivenciou ainda jovem, em que aparecem vários episódios que ilustram o início das formações de grupos de jovens que se confrontavam na Asa Norte, principalmente entre moradores da 306 e da 312 Norte na década de 80. Em nossa primeira conversa, por telefone, me senti receosa e desestimulada, pois Wagner afirmava já ter tentado introduzir uma proposta parecida com a minha – de resgatar histórias das intrigas sustentadas pela 306 Norte e sistematizá-las em algum formato comunicacional – entre seus antigos colegas de quadra, que não obteve sucesso. Wagner repetia que esse assunto era constantemente abafado por aqueles que protagonizaram aquelas tantas atitudes de desafetos territoriais, e junto com minhas poucas fontes primárias de depoimentos, Wagner e outros colegas da 306 mostravam bastante euforia e empolgação ao contarem os acontecimentos daquelas épocas, mas não se sentiam à vontade para me colocarem em contato com outros personagens em potencial, que estiveram mais inseridos dentro dos conflitos e os protagonizaram. Sempre com a justificativa de que estas pessoas, hoje adultos, empregados e muitas vezes com filhos, temiam por suas reputações.

Existia também a oportunidade de tentar algum tipo de contato com moradores da 405 norte, Superquadra em que morei a partir dos 10 anos de idade até os 25, que entrou em pauta nacional por conta do assassinato do jovem de 16 anos Marco Antônio Velasco, em Agosto de 1993, como conta o Antropólogo Rafael Moreira:

No começo dos anos 90, um grupo de jovens organizava-se em torno de uma gangue de alcunha “Falange Satânica”, ou simplesmente, como pichavam “FS”; proveniente de moradores das superquadras 405 e 406 norte [...]. Em 1993, espancaram até a morte Marco Antônio Velasco, na época, um jovem de 16 anos, morador da superquadra 316 norte, de padrão econômico mais alto; prédios com elevadores, seguranças, garagem, etc. Ele teve fratura múltiplas da coluna vertebral, e de todas as vértebras, traumatismo craniano, hemorragia

interna em consequência da ruptura do fígado, do baço, e pulmões; segundo um médico autopsista: “parecia um bife sangrando.” (Hardman, 1998, p.66). Dez pessoas foram presas, cinco jovens menores de idade e outros cinco maiores de 18 anos. (MOREIRA, 2011)

Em nenhuma das conversas que tive com antigos moradores de Brasília o episódio que envolvia a gangue Falange Satânica deixou de ser citado. Alguns dos antigos integrantes da FS se reúnem sob os pilotis dos blocos da 405 e 406 norte até hoje, com seus 35, 40 anos. Mas optei por não inserir estas duas Superquadras no filme, por motivos de esgotamento do assunto “FS” no repertório de tantas outras alianças juvenis que já existiram na capital, e também pela opção de se manter o foco da abordagem nos ex-integrantes das gangues, e não no fatídico ocorrido com o jovem Marco Antônio Velasco e com os responsáveis pela sua morte.

Houve também outro fator que influenciou a escolha para recorte do meu objeto: a temporalidade. Como já citado, a história das gangues brasilienses data de variados períodos e gerações, compreendidos entre as décadas de 80, 90, 2000 e, após achar blogs com abordagem sobre pichação na internet, identifiquei algumas gangues atuantes ainda hoje. Ao me contactar com ex-moradores das quadras 306 e 312 Norte, ouvi depoimentos que ilustravam a evolução das organizações dos jovens brasilienses em torno de seus conflitos. Neste universo, a década de 80 foi marcada pelo início das formações do pensamento territorial, com intrigas corpo a corpo e poucas quadras envolvidas. Na década de 90, os jovens “herdeiros” da movimentação setorial do Plano Piloto de Brasília continuaram a não só demarcar território presencialmente, mas também através de pichações que faziam referência aos seus grupos, agora já nomeados através de siglas que abreviavam palavras ameaçadoras. Foi quando se destacou a RNS (Ratos Noturnos da Seis, da 306 Norte), a FS (Falange Satânica, da 405 e 406 Norte), a FZ (Falange Zungur, da 415 Norte), a GSJ (Grafiteiros Sem Janta, da reunião das quadras situadas entre a 408 e 416 Sul), a PKS (Primeiro Komando da Sul, da reunião das quadras situadas entre a 402 e 407 Sul) e mais incontáveis outras. Percebi também que as rivalidades variaram durante o passar dos anos. Neste momento, optei por ampliar meu recorte e abarcar as histórias de ex-integrantes das galeras das 3 décadas:

1 ex-integrante de cada uma das rivais 306 e 312 Norte na década de 80;

1 ex-integrante de cada uma das rivais 306 e 415 Norte na década de 90;

1 ex-integrante de cada uma das rivais GSJ e PKS na década de 2000 e até hoje.

Outro fator que limitou minha escolha por apenas um representante da Asa Sul enquanto optei por quatro representantes da Asa Norte, é que minhas fontes primárias nada citam sobre a região sul antes da década de 90 e, em contraste com as 6 gangues da Asa Norte, das quais obtive acesso às memórias neste processo de pesquisa, as histórias relacionadas à Asa Sul se resumem em apenas duas divisões territoriais: a que compreende as Superquadras do início da Asa Sul e a que compreende as Superquadras do final. Estas duas organizações se mantinham como uma espécie de aliança entre várias quadras.

OBJETIVOS

O presente projeto tem como objetivo apresentar argumento, orçamento e cronograma de filmagem para a realização de um filme documentário média-metragem a partir da pesquisa sobre relação entre os moradores do Plano Piloto de Brasília na década de 80, 90, 2000 e 2010, as atividades mais importantes que configuravam a participação de grande número de jovens de classe média da cidade em gangues urbanas na época – a dita diversão transgressora: pichação, conflitos, andanças, dinheiro, busca por fama– e a repercussão que este comportamento gerou na comunidade brasiliense.

Apresentar antigos membros de algumas das gangues com mais visibilidade na época como personagens do filme, mostrá-los em seus contextos atuais, dentro de seus hábitos cotidianos. No filme, eles aparecerão com a oportunidade da palavra, tecendo suas próprias análises e observações subjetivas sobre as experiências e valores remetentes à situação apresentada pela grande mídia na época. Conhecermos um pouco mais sobre a realidade das gangues de Brasília, sem intenção criminalizadora: Quem eram/são aqueles garotos? O que passava/passa em suas cabeças? Por que faziam/fazem aquilo? Quem são hoje? O que pensam sobre aquela época? Mesclar a memória com planejamentos de imagens atuais dos personagens em seus contextos sociais (relação com trabalho, família, filhos, crime).

Reconhecer e compreender os valores, práticas e comportamentos sociais dos jovens de classe média, moradores do Plano Piloto de Brasília, melhorar nosso entendimento a respeito da juventude, no marco das mudanças e transformações que a vida moderna está a impor e levar tudo isso ao maior número de espectadores possível.

REFERENCIAL TEÓRICO

A temática das gangues ganha grande importância na década de 20 nos Estados Unidos, quando a Escola de Chicago voltou muitos de seus estudos às respostas violentas que a moral e os costumes tradicionais geraram nos jovens imigrantes, de origens desfavorecidas com dificuldades de integração social.

O motivo era sua inquietação com a “crise” e “desorganização social” produzidas pelo crescimento urbano acelerado e pela falta de integração no espaço social e cultural urbano dos migrantes e imigrantes que passaram a ocupar as zonas pobres e decadentes daquela cidade. [...] Além disso, as gangues expressariam a busca de uma identidade social. As suas formas de funcionamento, de pertencimento, o posicionamento dos jovens, os jogos de rivalidade construiriam vetores de uma identidade de substituição, criadora de uma cultura que poderia favorecer a delinquência. (ABROMOVAY, 1999)

Atualmente os Estados Unidos reúnem várias linhas de pesquisa acerca da temática das gangues, algumas definem este comportamento como grande participante do comércio de drogas, merecendo ser pensado na qualidade de “empreendimento informal”.

No Brasil, o termo “gangue”, apesar de também estar relacionado a grupos de jovens ligados à delinquência, tem maior identificação com conjuntos de companheiros que adquirem uma forma de sociabilidade mais solta, inseridos em situações de violência sem necessariamente caracterizarem um negócio aos moldes empresariais. No caso do centro de Brasília, o Plano Piloto, este conceito se expande ainda mais. Apesar do contexto da jovem cidade apresentar fatores notáveis que ilustram a busca por uma cultura própria de organização social e identificação com seu território, o fator da classe social desprivilegiada como um critério de identificação para essas organizações não é intransponível. É, por este motivo que em diversos momentos me identifico melhor com o termo “galera”, para me referir aos grupos mencionados na pesquisa.

É possível encontrar mais sobre este tipo de agrupamentos semiestruturados, compostos predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação de comportamentos que expressam estilos de vida, no livro *O Tempo das Tribos*, do sociólogo francês Michel Maffesoli. Maffesoli conceitua estes grupos como *tribos*

urbanas, tendo como tema de fundo as culturas juvenis recorrentes nas sociedades contemporâneas.

Para Maffesoli, as “tribos urbanas” se constituem nas “diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a potência contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este”. (MAFESSOLI, 2006)

A ideia inicial de documentação das perspectivas sobre a construção cultural e social das tribos urbanas brasileiras, como uma consequência da sociedade da cidade, passa por uma etapa importante e de alta complexidade do processo de criação de um filme documentário: a escolha do modo em que se representará a realidade. No livro *A Técnica da Montagem Cinematográfica*, Karel Reisz atribui os diferentes métodos de produção entre o filme de ficção e o filme documentário, ao fato de que, o primeiro cuida do desenvolvimento de um enredo, enquanto o segundo cuida da exposição de um tema (REISZ, 1968). É evidente que esta distinção é um tanto vaga, já que muitos filmes do gênero documental apresentam enredo e muitos filmes de ficção são influenciados pelo estilo do documentário. Mas Reisz acentua esta diferenciação na maneira em que se apresenta o tema ao espectador:

Um enredo emocionante pode despertar suficiente interesse e suspense para compensar deficiências de desempenho e de apresentação. Com o documentário isto não acontece. É necessário apresentar o tema de maneira insólita e estimulante, se é que se quer interessar a platéia. (...) é no modo de apresentá-lo, na correção e originalidade das associações visuais e na montagem intencional que o filme adquire interesse. No documentário, o tema não passa de mero ponto de partida que exige interpretação. O mérito do filme estará na qualidade do tratamento e não no valor intrínseco do próprio tema como entretenimento. (REISZ, 1968)

Sérgio Puccini apresenta o conceito de “tratamento”, utilizado por Karel Peisz e por muitos outros autores, como forma de organizar as ideias a serem usadas na estrutura do documentário:

permitir a visualização da ordem em que as sequências do filme irão aparecer. O conteúdo dessas sequências é descrito, no tratamento, de maneira resumida, mantendo uma abertura aos imprevistos que possam ocorrer quando se iniciarem as filmagens” (PUCCINI, 2009).

A conceituação de roteiro para documentário não é algo essencial para vários realizadores. Mesmo Eduardo Coutinho (LINS, 2004), por exemplo, não se cansa de defender o não-roteiro. No entanto, deixa clara a necessidade da criação de uma forma de filmar, colocando este como ponto mais importante do que o próprio tema a ser tratado no documentário. Dentre as distinção entre os 6 tipos de documentários apresentados por Bill Nichols (2008), pode-se observar diferentes formas de se conceber documentários:

1. O documentário expositivo, com lógica retórica ou argumentativa, preterindo a estética ou lirismo, discurso claro por vezes articulado por um narrador, propõe uma perspectiva, argumento ou reconta uma história. É muitas vezes associado a noticiários televisivos;
2. O documentário poético, de aspecto artístico, subjetivo, sem necessidade de se ater ao tempo e espaço;
3. O documentário observacional, que consiste na não interferência do realizador, da câmera invisível, tem inspiração no cinema-verdade de Jean Rouch;
4. O documentário interativo, que é marcado pela destacada presença do realizador em campo, próximo ao assunto ou sujeito entrevistado, mesmo em quadro;
5. O documentário reflexivo, que apresenta um engajamento com outros atores sociais, uma estruturação de discurso e muitas vezes uma reflexão social.
6. O documentário performático, que é caracterizado pelo engajamento do realizador como espécie de grupo amostral de certa experiência ou contexto e usa sua experiência para mostrar os resultados.

O presente projeto se propõe a incorporar na execução do filme múltiplos aspectos das subdivisões apresentadas acima. As entrevistas com os personagens escolhidos certamente permearão as classificações de documentário expositivo e interativo, uma vez que terá a palavra como o principal instrumento de transmissão de mensagem, com a possibilidade de que seja evidenciada, em alguns momentos, a interação entre entrevistada e entrevistador.

Há ainda o flerte com o documentário observacional e com o documentário reflexivo num segundo momento das gravações, em que as imagens saem do modo entrevista e são focadas em mostrar o cotidiano dos personagens em seus contextos sociais atuais, de modo a agregarem características da escola francesa do cinema verdade, onde a câmera testemunha seu encontro com o mundo e enfatiza a ideia da não-intervenção do realizador, ou seja, o registro de imagem e som é

simultâneo e sem diálogos escritos e programados. Nesse contexto, o Cinema Verdade/Direto pode ser conceituado através do modo observativo no qual as formas de controle do cineasta na “composição de uma cena foram sacrificadas à observação espontânea da experiência vivida” (NICHOLS, 2005).

METODOLOGIA

A construção deste projeto seguiu 3 etapas, algumas delas aconteceram simultaneamente:

1. Pesquisa / definição de personagens

Após as pesquisas por materiais acadêmicos e científicos a respeito do tema que eu buscava, iniciei a procura por registros jornalísticos impressos e videográficos, sobre os tantos fatos que apareceram na grande mídia nas décadas de 80, 90 e 2000. A primeira alternativa logo se mostrou inviável, uma vez que os registros impressos desta época não foram digitalizados, desta forma, para procurar qualquer fato noticiado, eu precisaria de uma data específica; do contrário, haveria de folhear cada edição de jornal e revista, uma a uma. Como eu não havia recordações de datas precisas, fui atrás de materiais videográficos, já que eles são normalmente catalogados por palavras-chave, tornando a procura mais fácil. Mas este caminho também se mostrou inviável quando notei os altos custos das minutagens dos programas de rede privada de comunicação: em média R\$2.200,00 o minuto. Este foi um fator decisivo para a elaboração de um projeto que pudesse servir de base para que a realização deste média-metragem pudesse concorrer a editais de apoio à cultura.

Então criei um pretensioso mecanismo de busca de apoiadores de pesquisa pela internet, que consistia no envio de uma mensagem para todos os meus conhecidos residentes em Brasília, em que eu solicitava ajuda daqueles que tivessem algum contato com integrantes ou ex-integrantes de alguma gangue do Plano Piloto. Segue um trecho da mensagem encaminhada:

“Caras e caros colegas,

Procuro pessoas que possam contribuir para uma busca local para a pesquisa de um projeto acadêmico da Universidade de Brasília. A pesquisa procura resgatar a perspectiva de antigas/antigos moradores do Plano Piloto, em Brasília, sobre as relações de desafeto nutridas pelas Superquadras nas décadas de 80, 90 e 2000.

Gostaria de conversar com algumas/alguns moradores da cidade, que tenham vivido próximo às ações das seguintes gangues:

Asa Norte: RNS (Ratos Noturnos da Seis), Galera da 12 (não tinham um nome ou uma sigla específica, se reuniam as/os moradores da 312 Norte);

Asa Sul: PKS (Primeiro Komando da Sul) e GSJ (Grafiteiros Sem Janta).

É importante deixar claro para a/o conhecida/o que apenas serão feitas conversas a nível de pesquisa, SEM FILMAGENS OU QUALQUER EXPOSIÇÃO das/dos entrevistados, para obtermos apenas relatos sobre a época [...]

Desta forma, se você conhece alguém que se encaixa neste perfil, ajudaria muito se nos encaminhasse o contato desta pessoa (telefone e email) para o endereço: projetogangues@gmail.com”

Enquanto a mensagem foi disparada por e-mail por toda minha lista de contatos, não obtive uma resposta sequer. Reenviei a mesma mensagem aos meus colegas que utilizam a página de relacionamento *Facebook*. Nesta plataforma, as respostas vieram mais rápido do que eu imaginava. Recebi o contato de dois ex-integrantes de gangues da Asa Norte, e foi a partir daí que as portas se abriram para outras conversas com amigos desses dois primeiros. Através desses primeiros contatos foi possível o acesso a oito ex – integrantes de gangues distintas do Plano Piloto. Com eles, pude desenvolver conversas, de nível primário, mas que norteariam a definição do objeto, dos personagens e do argumento deste documentário. É possível notar que não especifiquei na mensagem o intuito de conversar com ex-integrantes das gangues, por já saber que se tratava de uma abordagem delicada. A busca específica por ex-integrantes só era revelada após alguns minutos de conversa, depois de já ter estabelecido algum nível mínimo de confiança. Aos poucos cheguei até meus atuais personagens até hoje definidos, com quem tracei conversas primárias e apenas registradas com um gravador de áudio, para servir de referência para a elaboração dos roteiros para as entrevistas do filme.

2. Elaboração de roteiro para as entrevistas

Já vimos que a opção por não escrever um roteiro para o filme documentário é seguida por alguns documentaristas, mas que ela não anula a necessidade de se construir um ponto de referência para o trabalho de filmagem. Como ponto de partida para as filmagens das entrevistas deste filme, construí roteiros de caráter orientativo para a condução das conversas que se seguirão. Estes roteiros foram

baseados nas conversas prévias que tive com cada um dos personagens que já foram escolhidos para comporem esta obra, e suas estruturas foram montadas com o intuito de funcionarem como uma espécie de âncora nas entrevistas, auxiliando no resgate de algumas histórias já apresentadas anteriormente nas pesquisas. Os roteiros se iniciam com uma breve apresentação do entrevistado e seguem com as orientações para a condução das perguntas.

3. Elaboração do projeto de média-metragem

O projeto que demonstra a viabilização da produção deste filme foi elaborado a partir do modelo exigido pelo edital do Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do DF do ano de 2012, dentro da modalidade Cinema e Obras Audiovisuais, na categoria de Diretor Estreante, com verba máxima disponível de R\$40.000,00. Ele segue os padrões de envio para a plataforma Salicweb e é composto por: sinopse, argumento, orçamento, cronograma de filmagens e currículo da equipe.

A construção do argumento de um filme consiste em uma espécie de explicação do que será abordado. A partir desta premissa, foram consideradas as pesquisas primárias obtidas na etapa anterior e a bibliografia referente ao cinema documentário que também já foi citada anteriormente, de modo a ser elaborada uma espécie de base norteadora com as expectativas até então geradas para as gravações que se seguirão. É importante ressaltar que o argumento não corresponde à versão final do filme.

O orçamento para a execução deste filme em média-metragem foi feito com base em valores fornecidos pela tabela de serviço e mão de obra da FGV. Esta tabela é comumente exigida como base de valores para projetos que concorrem a editais de apoio à cultura no Brasil. Os itens que não constam na tabela da FGV foram orçados em locadoras de equipamentos cinematográficos de Brasília.

O cronograma que estipula a organização temporal para a execução do filme foi construído dentro da proposta de se trabalhar com baixo orçamento, haja vista a condição de estreante da realizadora.

CONCLUSÃO

No fim do processo de criação do projeto de filme documentário Plano dos Maus Afetos, tiro algumas conclusões acerca da pesquisa específica para documentários. Primeiramente, teço sobre a interdisciplinaridade a qual o pesquisador deve se ater, no momento em que seu papel ultrapassa as paredes da técnica cinematográfica e se assemelha às atividades de um historiador e até mesmo a de um sociólogo, ao examinar a relação entre o investigador e as pessoas que colaboram com a pesquisa, e procurar obter uma posição no grupo que vai observar. Durante o amadurecimento das relações estabelecidas entre os personagens escolhidos para este filme e eu, é imprescindível que eu encontre o meu lugar de fala dentro da abordagem que será dada ao produto, para que a partir de então, eu possa delimitar meu recorte crítico do que é discutido no filme, ponto que percebo ainda não ter determinado claramente. Existe também mais um ponto relacionado à pesquisa específica para documentários que me alerta para a vantagem de se contar com uma equipe de colaboradores de pesquisa. Neste primeiro momento, não dispus de parceiros que pudessem me auxiliar na abordagem dos possíveis entrevistados. Observo que se houvesse a oportunidade de que a busca por personagens fosse feita por outro pesquisador, e se eu pudesse conhecer pessoalmente os personagens escolhidos somente no momento em que as entrevistas fossem gravadas, me pouparia de possíveis dificuldades futuras. Ao se apresentarem a mim, os cinco personagens do filme ilustraram o período em que viveram suas juventudes na cidade, contando histórias interessantíssimas, que, muito provavelmente, serão recontadas nos momentos de gravação, sem a mesma espontaneidade com a qual foram contadas no momento em que surgiram na memória daquelas pessoas durante minha primeira abordagem. Além do risco de as falas serem retomadas com deixas de linguagem como “lembra aquela história que te contei da primeira vez?”, “sabe o meu ex-vizinho, daquela outra história?”. Temo também pelo tempo de intervalo entre a pesquisa e as filmagens, principalmente por conta da possibilidade de desistência de alguns em participar como personagem de um filme que remonta um passado de má fama, já que muitos já expressam bastante insegurança em relação a isso.

Concluo também que este é um projeto essencial para a construção de um resultado que ainda tem muito a amadurecer, e que ele ainda não é um projeto definitivo, uma vez que a pesquisa continua e, seus avanços podem ser decisivos para mudanças em todo o processo. O filme que este projeto propõe só criará forma concreta na ilha de edição. A exemplo disto, findo esta primeira etapa já passando a cogitar a necessidade de pequenos trechos adicionais com falas de pessoas que conviveram com os personagens do filme, afim de ilustrar melhor como era a perspectiva generalizada da cultura social e territorial em Brasília nas diferentes épocas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABROMOVAY, Miriam. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers – Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades de Periferia de Brasília*. Rio de Janeiro, Garamond; Brasília, UNESCO Brasil, 1999.

ANDRADE, Carla. *Entre Gangues e Galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal*. 2007

BERNARDET, Jean Claud. *Cineastas e Imagens do Povo*. São Paulo, Cia das Letras, 2003.

LEMOS, Wagner. *Superquadra 306 Norte – Coletânea de Contos Mínimos*. São Paulo: Editora Gregory, 2013.

LINS, Consuelo. *O DOCUMENTARIO DE EDUARDO COUTINHO: TELEVISAO, CINEMA E VIDEO*. Editora Zahar, 2004.

MAFESSOLI, MICHEL. *O Tempo das Tribos*. Editora Forense – Universitária, 2006.

NICHOLS, Bill. *Introdução so Documentário*. Editora PAPIRUS, 2008.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de Documentário - da Pré-produção à Pós-produção*. Editora PAPIRUS, 2009.

REISZ, Karel. *A Técnica da Montagem Cinematográfica*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

SILVA, R. M. S. *O Plano dos Brancos. Brasília e a Marcha para o Setor Noroeste* – não publicado.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Brasília, UNESCO Brasília; São Paulo, Cortez Editora, 1997.

WEINBERGER, Eliot. *The Camera People*. Indiana University Press, 1994.

REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

COUTINHO, Eduardo. *Edifício Master*. BR, 2002. 110'.

FLAHERTY, Robert. *Nanook of the North*. EUA, 1922. 79'

JABOR, Arnaldo. *A Opinião Pública*. BR, 1967. 71'.

PEDROSO, Marcelo. *Pacific*. BR, 2011. 71'.

ROUCH, Jean. *Les maîtres fous*. FR, 1955 . FR . 28'.

PARTE II – PROJETO DE DOCUMENTÁRIO DE MÉDIA-
METRAGEM

1. SINOPSE

Este projeto constitui pesquisa e filmagem de documentário em média-metragem, em digital, que resgata a perspectiva de quem participou de grupos de jovens brasilienses que criaram uma forma própria de vivência do espaço público, tinham lugar certo nas pautas dos noticiários locais, e fizeram as gangues deixarem de se destacar somente na periferia, passando a se tornar muito comum para os habitantes do centro da cidade de maior renda per capita do Brasil, o Plano Piloto.

2. ARGUMENTO

O Plano dos Maus Afetos

Este filme apresenta em seu eixo narrativo as perspectivas de cinco pessoas que passaram sua juventude em Brasília em diferentes épocas, a partir da década de 80. Estes são os personagens do filme, e carregam um ponto em comum em suas trajetórias de vida na cidade: todos vivenciaram uma forma de organização social muito comum na região, onde grupos de jovens, genericamente chamados de gangues, acabaram por criar uma forma própria de definição do espaço público da capital do país. Além da fama de cidade violenta que Brasília carrega por conta de acontecimentos chocantes como a morte do índio Galdino em 1997, e do garçom Nelson dos Santos, que foi espancado até a morte por turistas brasileiros em Porto Seguro no ano de 2002, a cidade também está inserida no contexto de violência urbana cometida por jovens de classe média contra a própria classe média brasileira.

Para aqueles que cresceram em Brasília durante as décadas de 80, 90 e 2000, são ainda muito vivas as lembranças das ações de grupos de jovens que se reuniam, cada um em sua quadra, com ações que buscavam reafirmar uma noção de territorialidade. Esses grupos, genericamente definidos como “gangues”, eram numerosos, muito comuns e presentes no cotidiano de quem quer que morasse no Distrito Federal nas décadas citadas. No DF, 12,2% dos jovens afirmavam pertencer a gangues em 1999. Neste mesmo ano, foram destacadas 95 gangues de quadra na região, identificadas por siglas e abreviações de nomes que denotavam transgressões urbanas. Mas para além da pichação, da adrenalina, do prestígio e da rivalidade, estas gangues criaram uma forma própria de vivenciar o espaço público do centro do DF, o Plano Piloto. Na década de 90, existia quase um consenso de que Brasília não oferecia muitas alternativas de lazer. Os espaços abundantes entre uma Superquadra e outra davam impressão de liberdade e ao mesmo tempo de vazio. A expressão “Minha Quadra” era uma expressão coletiva, que assumia tom possessivo e de pertencimento dos moradores desses conjuntos habitacionais do centro de Brasília e, cada morador a usava se referindo, não só à divisão que indica a numeração do seu endereço residencial, mas também com o propósito de diferenciação e exclusividade a respeito de território, costumes e comportamentos dos moradores dali.

As gangues formaram um meio de socialização e afirmação de identidade entre os jovens, na sua maioria filhos de funcionários públicos de alto cargo da capital; delimitaram territórios e os mantinham sob vigilância. Para qualquer adolescente de Brasília, o deslocamento casa-escola era sempre pautado pela atuação dos grupos que rondavam as Superquadras pelas quais se passava. A cidade toda viveu aquilo. Mesmo quem não pertencesse a nenhuma gangue. Mesmo quem não morasse na periferia do DF. É de costume pensar a violência como resultado direto da miséria. Mas naquela época, era a vez dos jovens de alta classe social se apropriarem de ações até então comuns para classes marginalizadas - pichar, traficar, roubar, e mesmo matar – e as incorporarem como parte de sua rotina.

A violência urbana está longe de ser um fator unicamente presente em Brasília. Os atritos entre grupos de jovens são comuns em várias esferas da sociabilidade: desde território, ciúme e partidas de futebol. Mas em Brasília, quando nas brigas entre os jovens, existia um fator predominante que norteava esses conflitos. Quando os desentendimentos iam um pouco mais longe, a razão territorial era quem norteava os conflitos. “Valia o fator ‘fica na sua porque você está na minha quadra, minha área’. Isso significava que ‘você tem que tomar cuidado com a minha galera’”. Este tipo de envolvimento com áreas especificadas gerava conflitos físicos de níveis altíssimos de violência através de lutas corporais entre duas pessoas, às vezes trinta, às vezes entre duas Superquadras inteiras, envolvidas em disputas agressivas generalizadas, que resultavam em espancamento, lesões graves, prisões, e, algumas vezes, em mortes. Hoje, o Plano Piloto está praticamente fora de pauta quando se fala das gangues juvenis na grande mídia.

O que motivou a realização do projeto foi a importância de resgatar um período que faz parte da memória de Brasília e faz referência ao modo de vida de várias gerações da cidade, e que no entanto, até hoje, só foi mencionado em pesquisas institucionais, obras cinematográficas de ficção ou em reportagens da grande mídia, claramente relacionada a ideias da política de grandes corporações, que contribuem para um processo de desinteresse político, social e de superficialização da vida. Daí surge a importância de se entender o porquê do surgimento dessas gangues dentro do contexto da cidade prodígio, e o que fez estes grupos deixarem de se destacar somente na periferia, passando a se tornar muito comuns para os habitantes do centro da cidade de maior renda per capita do Brasil. A busca por esse entendimento se fará, neste documentário, através da fala dos escolhidos para serem os personagens do filme, que participaram desta

configuração de transgressão urbana, e, de registros de eventos relacionados à atuação das gangues. Sobre estes eventos, existe um amplo material de arquivo: reportagens em jornais e revistas locais e nacionais, cobertura nos principais telejornais do DF e do Brasil.

A estratégia de produção deste filme se inicia com a pesquisa dos personagens, através de encontros primários, não filmados, que surtiram breves relatos sobre a atmosfera que Brasília viveu nas décadas de 80 e 90, época em que as atuações das gangues brasilienses tinham grande visibilidade a nível local e nacional. Essa pesquisa prévia já foi realizada e foi determinante para a escolha dos cinco personagens que conduzirão a narrativa, além do personagem coletivo, que é a progressão do comportamento juvenil voltado para a violência urbana que Brasília apresenta desde a década de 80 até hoje. Nesse universo, a década de 80 foi marcada pelo início das formações do pensamento territorial por parte dos jovens da cidade. Na década de 90, os jovens “herdeiros” da conjunção setorial do Plano Piloto de Brasília seguiam a não só demarcar território presencialmente, mas também através de pichações que faziam referência aos seus grupos, agora já nomeados através de siglas que abreviavam palavras ameaçadoras. Foi quando se destacou a RNS (Ratos Noturnos da Seis, da 306 Norte), a FS (Falange Satânica, da 405 e 406 Norte), a FZ (Falange Zungur, da 415 Norte), a GSJ (Grafiteiros Sem Janta, da reunião das quadras situadas entre a 408 e 416 Sul), a PKS (Primeiro Komando da Sul, da reunião das quadras situadas entre a 402 e 407 Sul) e mais incontáveis outras. As rivalidades variaram durante o passar dos anos. O recorte deste documentário abarca as histórias de ex-integrantes das gangues das 3 décadas:

Personagem 1 e 2: Pastor Maurício e Alceu Rocha - ex-integrantes de cada uma das rivais 306 e 312 Norte na década de 80, respectivamente;

Personagem 3 e 4: Rafael Vinícius e Nielsen Nunes - ex-integrantes de cada uma das rivais 306 e 415 Norte na década de 90, respectivamente;

Personagem 5: Caboco - ex-integrante da GSJ hoje.

Na primeira sequência do filme se pensa no presente. Os 6 personagens serão brevemente apresentados por meio de imagens que expressam seu cotidiano em seus contextos atuais, dentro de seus hábitos diários, com imagens recentes dos personagens em seus meios sociais (relação com trabalho, família, filhos, crime). Ainda não se sabe do que se trata o filme. Neste primeiro momento é

introduzido ao espectador o PASTOR MAURÍCIO. Maurício Dahas é filho de sargento do exército, nasceu em 1972 no Rio de Janeiro, veio para Brasília em 1985 e viveu na 306 Norte de 1985 até aproximadamente o ano de 2000. Era pichador, brigava sem armas na década de 80. Se converteu há 12 anos, hoje é pastor da igreja Esperança em Cristo, na Cidade Ocidental – GO e é Defensor da Comissão Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (ONG).

Inicialmente ele será filmado do lado de fora da igreja Esperança em Cristo, na Cidade Ocidental, onde se prepara para ministrar o culto diário. Um trecho do culto também será filmado, bem como a doação de leite e pão que é feita aos fiéis da comunidade após o culto.



Também serão feitas imagens do PASTOR MAURICIO em atividades rotineiras na Cidade Ocidental (como ir à padaria, ao banco, etc) e em reunião junto à ONG Comissão Nacional de Defesa dos Direitos Humanos.

A segunda sequencia do filme nos apresenta ALCEU ROCHA. ALCEU nasceu em Brasília, em 1966, é filho de servidores públicos e vive na quadra 312 Norte desde então. Se formou em geografia na universidade UniCeub, foi candidato a deputado distrital pelo Partido Verde em 2010, não foi eleito. Foi prefeito comunitário da sua quadra no ano de 2000. No ano de 2000 foi prefeito comunitário da 312 Norte, onde mora com sua mãe atualmente. Hoje é pai de um adolescente de 14 anos, e é acessor do Secretário de Meio Ambiente Paulo Lima. Integrou a antiga GD (Galera da Doze), esteve presente em vários conflitos com a 306 Norte e é sempre citado nas conversas sobre gangues dos anos 80.

A sequencia se inicia com um trecho da propaganda política de ALCEU para as eleições de 2010, e segue para imagens da festa junina da Superquadra 312

Norte, onde ALCEU se relaciona intimamente com os demais moradores da quadra e é mestre de cerimônia da festa.



Também serão feitas imagens de ALCEU almoçando com seus familiares na casa de sua mãe.

O filme segue com a apresentação do personagem NIELSEN NUNES. NIELSEN chegou na 415 Norte com 5 anos de idade, seu pai era sargento da aeronáutica e sua mãe, pedagoga. Hoje tem 36 anos, é professor de Jiu-Jitsu e mora em Águas Claras. Quando adolescente, estudava no colégio Leonardo da Vinci, na Asa Norte, e não se lembra quando começou a fazer parte da Falange Zungur (gangue da 415 Norte), pois os depoimentos de brigas e invasões a outras quadras já vinham dos moradores mais velhos que ele, e aos mais novos restava o a continuidade pela busca de prestígio, honra e fama com os amigos e com as meninas. Serão feitas imagens de Nielsen no Centro de Treinamento Acelino Popó, no clube APCEF, onde ele é professor de Jiu-jitsu. Nas imagens serão registrados trechos das aulas de Nielsen orientando o treinamento de seus alunos, e também uma luta entre NIELSEN e nosso outro personagem, RAFAEL VINÍCIOS.



RAFAEL nasceu em Brasília em 1980, filho de sargento do exército morou no cruzeiro, na 105 Norte e, aos 10 anos foi pra 306 Norte. Quando adolescente, estudava na escola pública C. E. 104 Norte e se viu pertencente à gangue Ratos Noturnos da Seis (RNS) com 14 anos, quando a maioria dos garotos da sua quadra começou a praticar capoeira e a treinar Jiu-Jitsu. Se tornou também Sargento do exército, faixa preta de jiu-jitsu e é especializado em treinamento de defesa pessoal no exército. É considerado pelo exército um Peacekeeper, por ter feito parte da missão de manutenção da paz no Haiti. Hoje é colega de Nielsen, personagem já citado, que na década de 90 morava na Superquadra 415 Norte, rival da 306 Norte. Os dois já se encontraram em brigas generalizadas entre jovens moradores da Asa Norte, e hoje disputam campeonatos de Jiu-Jitsu. A quarta sequência do filme apresenta RAFAEL no QG do Exército, ministrando treino de defesa pessoal aos militares. Também serão feitas imagens de Rafael fazendo compras com sua mãe no supermercado e retornando para casa com as compras. RAFAEL também mora com sua mãe até hoje.

Na sequência seguinte será apresentado o personagem ANDRÉ DADÁ. ANDRÉ nasceu em Brasília em 1984, e já morou em diversas quadras da Asa Sul. Seu pai exercia atividade de porteiro de prédios residenciais, fazendo com que, em sua juventude, ANDRÉ morasse na 415, 413 e 411 Sul, onde mora até hoje. Se via como integrante da gangue GSJ (Grafiteiros Sem Janta), que é composta (até hoje) por moradores das quadras situadas no intervalo entre a 408 e 416 Sul. A gangue que apresentava grande rivalidade contra a GSJ era (e ainda é) a PKS (Primeiro Komando da Sul), da qual fazem parte as Superquadras situadas no intervalo da 402 à 406 Norte. Como podemos perceber, a configuração das gangues da Asa Sul se

dá de maneira diferente da Asa Norte, abrangendo mais de uma quadra nas organizações. Também é importante ressaltar que a GSJ é a única gangue abordada pelo filme que ainda está em atividade. Hoje André tem 30 anos, é bombeiro, lutador de *Kickboxing*, casado, tem uma filha de 3 anos e mora com a esposa, filha e com os pais. Conheceremos um pouco do cotidiano de ANDRÉ através de imagens em que ele atua no Corpo de Bombeiros, treinando *Kickboxing* e entrando em sua casa na Superquadra 411 Sul, onde encontrará seus familiares e cuida filha na parte da noite. Estas imagens precederão a apresentação do personagem de CABOCO no filme, que se inicia com o rapaz pichando uma parede na W3 Sul, com seus colegas.

CABOCO nasceu em Brasília em 1987, morou no Park Way até os 14 anos de idade, quando sem mudou para a 413 Sul. Mora nesta Superquadra até hoje. Estuda Publicidade no UniCeub e é um pichador conhecido entre os jovens de Brasília atualmente. Suas pichações podem ser vistas por toda a W3 Sul, acompanhadas da sigla GSJ. Ele se diz pertencer à 10ª geração da gangue. As imagens de CABOCO também o registrarão embaixo de um dos blocos da 413, em meio a uma roda de amigos, e em casa, enquanto assiste futebol em sua TV, com seu pai.

Parte das cenas de apresentação dos cinco personagens será intercalada com imagens de cobertura que habitam o espectador ao Plano Piloto de Brasília e com entrevistas individuais de cada protagonista. É quando começa a se ter noção do que se trata o filme. As imagens de cobertura começam com alguns planos de algumas das cidades satélites do DF, mostrando ruas, casas configuradas em dimensões horizontais, comércio local e seus habitantes em situações corriqueiras, como acontece em qualquer outra cidade brasileira. Em contraposição a essas imagens, intercalar-se-ão também planos que apresentam as configurações do Plano Piloto de Brasília, onde poderemos observar os prédios residenciais sobre pilotis, com imensos corredores por andar, escadas, elevadores, garagens, ruas vazias e descampados entre as Superquadradas. As entrevistas individuais serão conduzidas de modo a exporem perspectivas dos personagens a respeito de sua juventude na cidade. Não serão apenas depoimentos de suas experiências individuais, mas também das coletivas: Quem eram / são aqueles garotos? Gostam / gostavam de morar em Brasília? Como lidam / lidavam com a cidade? O que passa / passava em suas cabeças? Como agem / agiam em grupo? Por que fazem / faziam aquilo? O

que mudou? A interpolação de memória e atualidade seguirá pelo filme com foco nas repercussões criadas no cotidiano dos integrantes destes grupos, dos demais moradores da cidade, e abordagem da mídia local, relacionando perspectivas antigas e atuais das três parcelas mais atuantes e afetadas da época(por quem?): mídia, gangues e moradores.

A sequência final do filme retorna a mais imagens dos rumos tomados pelos ex-integrantes das gangues, somadas a imagens de espaços do Plano Piloto. Neste momento sem entrevistas, após serem reveladas fases bastante densas destas pessoas, as imagens por si só serão capazes de sugerir impressões sobre o que permanece e o que mudou na cidade e nestes indivíduos que a habitaram na época de sua maior expressividade da transgressão urbana.

3. ROTEIRO DE ENTREVISTAS

GUIA PARA ENTREVISTAS – O PLANO DOS MAUS AFETOS

Roteiro utilizado como base para a condução das entrevistas do documentário (não corresponde à versão final das entrevistas)

Personagem 1: Pastor Maurício

- Perfil:

Maurício Dahas. Filho de sargento do exército, nasceu em 1972 no Rio de Janeiro, veio pra Brasília em 1985 e viveu na 306 Norte desde este ano até aproximadamente 2000, não se lembra ao certo. Depois se mudou para a 102 Norte, mas continuava a frequentar a 306. Se converteu há 12 anos, hoje é pastor da igreja Esperança em Cristo, na Cidade Ocidental – GO, tem uma casa de recuperação no município de São Bartolomeu, Cristalina – GO e é Defensor da Comissão Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (ONG).

Seu grupo de amizades se estendia da 306 Norte às quadras da 108, 107, 307, 308 Norte. Era pichador, brigava sem armas na década de 80.

- Pontos de partida para entrevista:

1. Qual é sua ocupação atual?
2. Quando se converteu? Como foi esse processo?
(Buscar que ele fale de como eram seus hábitos antes de se converter)
3. Quando e como chegou em Brasília? E na 306 Norte?
4. Como era a estrutura familiar? Pais casados? Irmãos? Quem morava na casa?
5. O que achava de morar em Brasília quando era jovem? Como era o processo pra se fazer amizades?
6. O que fazia para se divertir quando era jovem? Como era a situação financeira da família?
(Buscar que ele conte da fábrica de uísque falsificado que mantinha com os colegas)

- da quadra e conte do Vori, que morreu de cirrose por causa do consumo do uísque e de merla fornecido pela sua mãe biológica, que morava na ceilandia.)
7. Como eram as relações entre os jovens dentro da Superquadra?
(Buscar que ele explique a divisão interna da quadra, que se dividia entre Boréu, Litoral e Rocinha)
 8. De onde surgiu essa categorização dos moradores? Como eram os perfis dos moradores do Boréu, do Litoral e da Rocinha?
 9. Como eram as relações com os jovens de outras quadras?
(Buscar que ele cite alguns casos épicos, como a invasão da 306 à 312 norte, dos tiros que davam nas janelas dos moradores da 312)
 10. Como se faziam os deslocamentos a pé por entre as quadras? Era seguro?
 11. Como era a fama da 306 Norte perante as outras quadras? Eram vistos como uma gangue?
 12. Como surgiu a rivalidade contra a 312?
 13. Qual era o seu objetivo quando atacava algum rival?
 14. O que você defendia?
 15. Como começavam os conflitos? Onde se encontravam para brigar?
 16. O que eram as Racotecas?
 17. A 306 mantinha alianças? Como era a fama da quadra para os outros moradores de Brasília?
(Buscar tocar no ponto da influência que os militares sustentavam no abafamento dos casos)
 18. Não tinha medo?
 19. Já se machucou feio ou machucou alguém?
(Buscar que conte a vez em que levou uma paulada no rosto e a 306 norte espancou um morador da 312, o Alceu, nosso outro personagem)
 20. Como era quando chegava em casa machucado?
 21. Na sua opinião, existia alguma outra forma de resolver aquilo tudo?
 22. Quanto tempo isso durou?
 23. Como se afastou disso?
(Buscar que ele conte do consumo de drogas entre os moradores da 306 e da 312 norte, juntamente com os de outras quadras, depois que todos ficaram mais velhos)
 24. Você viu o surgimento da RNS? Como aconteceu essa transição entre grupo de garotos brigões e gangues de pichadores?

25. Como você avalia essa época? Como seria se pudesse viver tudo de novo?
26. Por que saiu da 306 Norte? Como foi pra Cidade Ocidental?
27. Como é seu trabalho no orfanato, no lar dos velhinhos, presídios, na comunidade da Cidade Ocidental e na CNDDH?

Personagem 2: Alceu Rocha

- Perfil:

Alceu de Souza Rocha Filho é o mais velho de 5 irmãos, nasceu em Brasília, em 1970, filho de servidores públicos, vive na quadra 312 Norte desde então. Se formou em geografia no Uniceub, foi candidato a deputado distrital pelo Partido Verde em 2010, não foi eleito. No ano de 2000 foi prefeito comunitário da 312 Norte, onde mora com sua mãe atualmente. Hoje é pai de um adolescente de 14, e é acessor do Secretário de Meio Ambiente Paulo Lima.

Integrou a antiga GD (Galera da Doze), esteve presente em vários conflitos com a 306 Norte.

- Pontos de partida para a entrevista:

1. Quando e como chegou em Brasília? E na 312 Norte?
2. Qual é sua ocupação atual?
3. Como foi o percurso até ingressar na carreira política?
4. Por que decidiu virar prefeito da 312 norte?
(Buscar que ele fale da sua identificação com o território em que mora desde que nasceu)
5. A que você atribui a confiança dos moradores da 312 Norte a ponto de você se auto intitular “xerife” da quadra?
6. Quando e como chegou em Brasília? E na 312 Norte?
7. Como era a estrutura familiar? Pais casados? Irmãos? Quem morava na casa?
(Buscar que ele apresente o Ricardinho, seu irmão e parceiro de confusões)
8. O que achava de viver em Brasília quando era jovem? Como era o processo de se fazer amizades na quadra?

9. Como eram as relações entre os jovens de sua quadra? O que faziam para se divertir na época?
(Buscar que ele conte como começaram a se organizar em Galera da Doze)
10. Como era a fama da quadra para os outros moradores de Brasília?
(Perguntar sobre o fato de a 312 ser a Superquadra mais antiga e mais populosa de Brasília)
11. Como eram as relações com os jovens de outras quadras?
12. Como surgiu a rivalidade contra a 306?
(Buscar que ele conte de episódios como aquele em que a 306, junto com outras quadras, invadiu a 312 e depredou portarias, janelas e vasos de plantas)
13. O que eram as Racotecas?
14. Não tinha medo? Como era a locomoção por entre as quadras à pé?
15. Usava armas?
(Questionar sobre o episódio em que ele, seu irmão e outros da 312 levaram uma arma de fogo ao do Bar Bom Demais, perto da 306 Norte, e ameaçaram moradores da 306 Norte)
16. Você pichava? O que? Onde? Pra que?
17. A GD tinha outras rixas para além da 306 Norte? Com quem? E a Asa Sul?
18. Como começavam os conflitos? Onde se encontravam para brigar?
19. A GD tinha alianças com outras quadras?
20. O que você defendia?
21. E como era a participação das meninas nisso tudo?
(buscar que ele conte que as meninas só podiam se relacionar com a galera da própria quadra)
22. Qual era o seu objetivo quando atacava algum rival?
23. Já se machucou feio ou machucou alguém? Tem alguma briga da qual tenha lembranças marcantes?
24. Como era quando chegava em casa machucado?
25. Como era a situação financeira da família? Como eles reagiam a essas histórias?
26. Qual era o perfil dos seus colegas?
27. O que acha dessa história permear a classe média em Brasília?
28. Quanto tempo essa fase durou na sua vida?
29. Qual é o sentimento que te vem quando lembra dessa época?

30. Como seria se pudesse viver tudo de novo?
31. Como se afastou disso?
32. Como é quando encontra antigos moradores da 306 Norte hoje em dia?
33. Já brigou na rua depois de adulto?

Personagem 3: Rafael Vinícius

- Perfil

Rafael Vinícius nasceu em Brasília em 1980, filho de sargento do exército morou no cruzeiro, na 105 Norte e, aos 10 anos foi pra 306 Norte. Quando adolescente, estudava na escola pública C. E. 104 Norte e se viu pertencente à gangue Ratos Noturnos da Seis (RNS) com 14 anos, quando a maioria dos garotos da quadra começou a praticar capoeira e a treinar Jiu-Jitsu.

Hoje é também Sargento do exército, faixa preta de jiu-jitsu e é especializado em treinamento de defesa pessoal no exército. É considerado pelo exército um Peacekeeper, por ter feito parte da missão de manutenção da paz no Haiti.

Hoje é colega de Nielsen, nosso outro personagem, que na década de 90 morava na Superquadra 415 Norte, rival da 306 Norte. Os dois já se encontraram em brigas generalizadas e hoje disputam campeonatos de Jiu-jitsu.

- Pontos de partida para a entrevista:

1. Qual é sua ocupação atual?
2. Como surgiu o interesse pela carreira militar?
3. Como se tornou lutador de jiu-jitsu?
(Buscar que ele inicie o assunto sobre as gangues)
4. Quando e como chegou em Brasília? E na 306 Norte?
5. Como era a estrutura familiar? Pais casados? Irmãos? Quem morava na casa?
6. O que achava sobre morar em Brasília quando era adolescente? Como era o processo pra se fazer amizades?
7. Como eram as relações entre os jovens de sua quadra? O que faziam para se divertir na época?

(Buscar que ele explique a divisão interna da quadra, que se dividia entre Boréu,

- Litoral e Rocinha. Buscar que ele conte dos shows de música baiana e da micarêcandanga)
8. De onde surgiu essa categorização dos moradores? Como eram os perfis dos moradores do Boréu, do Litoral e da Rocinha?
(Buscar que ele fale que os moradores do litoral começaram com a fama, e que depois que eles foram embora que o boréu assumiu o “posto” de brigões)
 9. Como foi a transição entre os jovens simplesmente descerem para conversar e brincar e começar a agir como RNS? Você tinha quantos anos?
(Buscar que ele conte como os jovens começaram a praticar artes marciais – capoeira e tae-kwon-do.)
 10. Como surgiu o nome Ratos Noturnos da Seis?
 11. A partir do momento em que tinham um nome, como começaram a se organizar como uma gangue? O que pretendiam?
 12. O que era preciso para ser um RNS? Quem decidia quem participava?
 13. Tinham líderes? Como eram as escolhas?
 14. Como era a questão territorial na época? O que vocês defendiam?
 15. Onde estudou? Por que não quis estudar no colégio militar?
(Buscar que ele fale das brigas entre quadras militares)
 16. Como era a fama da quadra para os outros moradores de Brasília?
(Buscar que ele conte da herança da fama que vinha dos mais velhos, das misturas de gerações e brigas e do tempo em que a fama da 306 Norte chegou ao nível dos moradores da 405, 415 e 312 se juntarem contra a 306. Da vez que intimidaram o comparecimento da 306 na festa junina da Universidade Católica, da presença deles na festa, dos tiros e pancadaria que se iniciou e do morador da 306 que não tinha nada a ver com a história e foi espancado. Da carta que os moradores do Guará enviaram endereçada à 306, insinuando que eles eram apenas uma quadra, enquanto o Guará era toda uma cidade.)
 17. Como eram as relações com os jovens de outras quadras?
(Buscar que ele conte casos como o da briga no eixão com a 405 Norte em que resultou na invasão da 306 Norte por parte dos moradores da 405, na pancadaria que se iniciou e na perseguição da 306 até a 405 norte – depredações e tiros de armas de fogo dos pais. Também quando foram assistir a um jogo da copa num bar da 215 Norte. Estavam 10 jovens da 306 contra uns 30 jovens da 312, 112, 415 e 416, que eram unidos. Voltaram a pé, correndo. Pedradas e pauladas.)
 18. E como era a parceragem? Rolava de correr e deixar o amigo apanhar?

19. Como se fazia a locomoção entre as quadras a pé? Tinha medo?
20. Por que existiam alianças entre várias quadras e a 306 Norte agia sozinha?
(Buscar que ele conte quando a RNS se juntou com a Legião da Onze contra a 415 norte e de quando todas as quadras se juntaram contra a 306, menos a LO)
21. Como surgiu a rivalidade contra a 415 Norte?
22. Como você conheceu o Nielsen?
23. Como surgiu a rivalidade com a 405 Norte?
(Buscar que ele conte o episódio em que a 306 foi até uma boate no Lago Sul, que só era frequentada pelos moradores da 405 Norte. Sobre a pancadaria em que resultou, na briga dentro da padaria).
24. Como começavam os conflitos? Onde se encontravam para brigar?
(Como agiam na famosa festa de música baiana dos anos 90, a Micarêcandanga? Já foram presos? Buscar que ele conte quando muita gente da 306 foi presa, junto com um garoto da 405, na mesma cela)
25. Por que você brigava? O que você defendia?
26. O que a RNS significava pra você?
27. Você pichava? O que? Onde? Pra que?
(Rafael pichava a tag Vinga)
28. Em que contexto os moradores de Brasília começaram a pichar?
29. E como era a participação das meninas nisso tudo?
30. Qual era o seu objetivo quando atacava algum rival?
31. Usavam armas?
(Buscar que ele conte a história do Leonardo da Vinci em que marcou uma briga na porta da escola, convocou os amigos da 306 para o ajudarem, ninguém poderia ir e então resolveu levar uma arma.)
32. Já se machucou feio ou machucou alguém? Tem alguma briga da qual tenha lembranças marcantes?
33. Como era quando chegava em casa machucado?
34. Como era a situação financeira da família? Como eles reagiam a essas histórias?
35. Qual era o perfil dos seus colegas da RNS?
36. O que acha dessa história permear a classe média em Brasília?
37. O que você lembra sobre o caso do Marco Antônio Velasco?
38. Como era a abordagem pela mídia na época? Você já apareceu na tv?

39. Quanto tempo essa fase durou na sua vida?
40. Como se afastou disso?
41. Como foi encontrar o Nielsen depois de adulto?
42. Como é quando encontra antigos moradores da 306 Norte hoje em dia?
43. Qual é o sentimento que você tem quando lembra dessa época?
44. Como viveria aquilo tudo outra vez?
45. Já brigou na rua depois de adulto?
46. Por que saiu da 306 Norte? Onde mora hoje?

Personagem 4: Nielsen

- Perfil:

Nielsen Nunes chegou na 415 Norte com 5 anos de idade, seu pai era sargento da aeronáutica e sua mãe, pedagoga. Hoje tem 36 anos, é professor de Jiu-Jitsu e mora em Águas Claras.

Quando adolescente, estudava no colégio Leonardo da Vinci e não se lembra quando começou a fazer parte da Falange Zungur (gangue da 415 Norte), pois os depoimentos de brigas e invasões a outras quadras já vinham dos moradores mais velhos que ele, e aos mais novos restava o despertar da continuidade pela busca de prestígio, honra e fama com os amigos e com as meninas.

- Pontos de partida para a entrevista:

1. Qual é sua ocupação atual?
2. Por que seguiu a carreira de lutador? Como se tornou professor de jiu-jitsu?
(Buscar que ele inicie o assunto sobre as gangues)
3. Quando e como chegou em Brasília? E na 415 Norte?
4. Como era a estrutura familiar? Pais casados? Irmãos? Quem morava na casa?
5. Como eram as relações entre os jovens de sua quadra? O que faziam para se divertir na época?
(Buscar que ele apresente a Falange Zungur e fale sobre as festas juninas nas Igrejas, na Casa do Ceará e no Gisno, que era área da 306 norte, das festas de música baiana e da Micarêcandanga)

6. De onde veio o nome Falange Zungur? Já ouviu falar sobre Sa'adu Zungur? Filósofo, poeta, figura importante que atuou na luta pela independência da Nigéria em 1960.
7. Como era a fama da quadra para os outros moradores de Brasília?
8. Como eram as relações com os jovens de outras quadras?
(Perguntar sobre a da festa em que foi com 15 anos em que foram espancados pela galera da 306 e das invasões que fizeram à 306 norte)
9. Como surgiu a rivalidade contra a 306 Norte?
(Buscar que ele conte como era a relação com os mais velhos)
10. Como você conheceu o Rafael?
11. Como aconteceu essa transição entre grupo de garotos brigões e gangues de pichadores?
12. Você pichava? O que? Onde? Pra que?
(Nielsen pichava a tag Grilo)
13. A FZ tinha outras richas para além da RNS? Com quem?
14. Como começavam os conflitos? Onde se encontravam para brigar?
(Buscar que ele fale das proporções das brigas (5, 6, 50 pessoas contra 1), do episódio do shopping e da Festa dos Estados, evento tradicional de Brasília, em que foi preso)
15. A FZ tinha alianças com outras quadras?
16. O que você defendia?
17. Como você virou um líder? Como era esse processo de escolha de líderes? Como se organizavam?
18. Você tinha medo?
19. E como era a participação das meninas nisso tudo?
(Buscar que ele conte que as meninas só podiam se relacionar com a galera da própria quadra)
20. Qual era o seu objetivo quando atacava algum rival?
21. Usavam armas?
(Buscar que ele conte das pedras escondidas na cidade)
22. Já se machucou feio ou machucou alguém? Tem alguma briga da qual tenha lembranças marcantes?
(a briga no meio da L2 Norte?)
23. Como era quando chegava em casa?

24. Como era a situação financeira da família? Como eles reagiam a essas histórias?
25. Qual era o perfil dos seus colegas da FZ?
26. O que acha dessa história permear a classe média em Brasília?
27. O que você lembra sobre o caso do Marco Antônio Velasco?
(Buscar que ele conte que apareceu no jornal)
28. Como era a abordagem sobre as gangues feita pela mídia na época? Você já apareceu na tv?
(Buscar que ele conte sobre a repercussão no Fantástico)
29. Quanto tempo essa fase durou na sua vida?
30. Como se afastou disso?
31. Já brigou na rua depois de adulto?
32. Como é quando encontra antigos moradores da 306 Norte hoje em dia?

Marco antonio (não era de gangue, mas era da galera) -> relacionar com o well e wagner. Só pelo fato de morar na quadra tal, era cogitado a espancamento
Well e wagner: como era para os moradores não envolvidos?

Personagem 4: André Dadá

- Perfil:

André Dadá, como prefere ser chamado, nasceu em Brasília em 1984, e já morou em diversas quadras da Asa Sul. Seu pai exercia atividade de porteiro de prédios residenciais, fazendo com que, em sua juventude, André morasse na 415, 413 e 411 Sul, onde mora até hoje. Se via como integrante da gangue GSJ (Grafiteiros Sem Janta), que compreende (até hoje) as quadras do intervalo entre a 408 e 416 Sul. A gangue rival da GSJ era (e ainda é) a PKS (Primeiro Komando da Sul), da qual fazem parte as Superquadras situadas no intervalo da 402 à 406 Norte. Como podemos perceber, a configuração das gangues da Asa Sul se dá de maneira diferente, abrangendo mais de uma quadra nas organizações. Também é importante ressaltar que a GSJ é a única gangue abordada pelo filme que ainda está em atividade.

Hoje tem 30 anos, é bombeiro, lutador de Kickboxing, á casado e tem uma filha de 3 anos.

- Pontos de partida para a entrevista:

1. Qual é sua ocupação atual?
2. Por que seguiu a carreira de lutador?
3. Quando e como chegou em Brasília? Em que quadras morou e em qual delas passou maior tempo?
4. Como era a estrutura familiar? Quais eram as profissões dos pais? Pais casados? Irmãos? Quem morava na casa?
5. Como eram as relações entre os jovens de sua quadra? O que faziam para se divertir na época em que era adolescente?
(Buscar que ele fale das festas de música baiana e da micarêcandanga)
6. Como eram as relações com os jovens de outras quadras?
7. Fale sobre a GSJ. De onde veio esse nome?
8. Quais quadras compreendiam a GSJ como funcionava o territorialismo, se não era uma quadra só?
9. O que defendiam?
10. O que era preciso pra ser um GSJ? Como se davam as lideranças e reuniões?
11. O que era a GSJ-J e a GSJ-F?
(Essas eram subdivisões da GSJ. A GSJ-J significava “GSJ-Júnior, que correspondia aos integrantes mais novos, e a GSJ-F correspondia à parcela feminina da GSJ)
12. Já existia a PKS? Como surgiu a rivalidade entre essas duas gangues?
13. Como era a fama da GSJ para os outros moradores de Brasília?
14. A GSJ tinha aliança com outras gangues?
15. Você pichava? O que? Onde? Pra que?
16. Como começavam os conflitos? Onde se encontravam para brigar?
17. E a relação com outras localidades? Tinham rixas com a Asa Norte e com as cidades satélites? Por que?
(Falar do Carlos Augusto Inocente, que levou um tiro de um cara da 38 do guará)
18. Você tinha medo?
19. A GSJ ainda existe? Em que geração ela está? Você que mora na mesma região até hoje, como vê a atuação dos jovens da GSJ de hoje?

20. Como aconteceu essa transição entre grupo de garotos brigões e gangues de pichadores?
21. E como era a participação das meninas nisso tudo?
22. Qual era o seu objetivo quando atacava algum rival?
23. Usavam armas?
24. Já se machucou feio ou machucou alguém? Tem alguma briga da qual tenha lembranças marcantes?
25. Como era quando chegava em casa machucado?
26. Como era a situação financeira da família? Como eles reagem a essas histórias?
27. Qual era o perfil dos seus colegas da GSJ?
28. O que acha dessa história permear a classe média em Brasília e como você se enquadra nesse contexto?
29. O que você lembra sobre o caso do Marco Antônio Velasco?
30. Como era a abordagem pela mídia na época? Você já apareceu na tv?
31. Quanto tempo essa fase durou na sua vida?
32. Como se afastou disso?
33. Já brigou na rua depois de adulto?
34. Como é quando encontra antigos rivais hoje em dia?

Personagem 5: Caboco

- Perfil

Caboco nasceu em Brasília em 1990, morou no Park Way até os 14 anos de idade, quando sem mudou para a 413 Sul. Mora nesta Superquadra até hoje. Estuda Publicidade no UniCeub e é um pichador conhecido entre os jovens de Brasília atualmente. Suas pichações podem ser vistas por toda a W3 Sul, acompanhadas da sigla GSJ. Ele se diz pertencer à 10ª geração da gangue.

- Pontos de partida para a entrevista:

1. Qual é sua ocupação atual?

2. Como é a estrutura familiar? Quais são as profissões dos pais? Pais casados? Irmãos? Quem mora na casa?
3. Como são as relações entre os jovens de sua quadra? São amigos? O que fazem para se divertir?
4. Como e por que começou a pichar?
(Buscar que ele fale como começou a pichar GSJ, no ano de 2000, quando conheceu seu companheiro de pichação, o Banana)
5. Como são as relações com os jovens de outras quadras?
6. E com as Cidades Satélites?
7. Fale sobre a GSJ. De onde veio esse nome?
8. À qual geração da GSJ você pertence? Qual é a distância em anos de uma geração para outra?
9. Conhece alguém mais velho que já foi da GSJ nos anos 90?
10. Quais quadras compreendem a GSJ e como funciona o territorialismo, se não compreende uma quadra só?
11. O que defendem?
12. O que é preciso pra ser um GSJ? Como se dão as lideranças e reuniões?
13. O que são a GSJ-J e a GSJ-F? Como é a participação dos mais novos e das meninas nas ações da GSJ?
(Essas são subdivisões da GSJ. A GSJ-J significa “GSJ-Júnior, que corresponde aos integrantes mais novos, e a GSJ-F corresponde à parcela feminina da GSJ)
14. Quem são os PKS? Como surgiu a rivalidade entre essas duas gangues?
(A PKS é uma outra gangue, que abarcam as Superquadras do início da Asa Sul, cuja sigla significa Primeiro Komando da Sul)
15. Quais são os estilos de pichação? Qual você prefere?
16. O que você admira na pichação?
17. O que significa pertencer à uma gangue?
(Buscar que ele comente sobre as “guerras” de pichadores, que são caracterizadas pela demarcação de território através das paredes pichadas em sua região. Às vezes alguns moradores de outras regiões picham quadras de galeras alheias e é aí que começa a “guerra”)
18. O que você pensa a respeito das “Guerras”?
19. Você tem medo?

20. Como aconteceu essa transição entre grupo de garotos brigões e gangues de pichadores?
21. Qual é o seu objetivo quando atacava algum rival em forma de pichação?
22. E nas guerras?
23. Usam armas?
24. Já se machucou feio ou machucou alguém? Tem alguma briga da qual tenha lembranças marcantes?
25. Como é quando chega em casa? Seus pais sabem que você picha?
26. Como é a situação financeira da família? Como eles reagem a essas histórias?
27. Qual é o perfil dos seus colegas de GSJ?
28. O que acha dessa história permear a classe média em Brasília e como você se enquadra nesse contexto?
29. Você se lembra sobre o caso do Marco Antônio Velasco?
30. O que a GSJ significa pra você?

4. ORÇAMENTO

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA								
Nº do Item	Serviço ou mão de obra	Em caso da tabela de referência da FGV	Base utilizada para cotar o valor indicado	Indique a natureza daquele gasto (definições no Edital). Contrapartidas ocorrem às expensas do beneficiário. Verifique as restrições de gastos.	Ex.: pessoas, horas, meses, Kg, serviço, metros, etc.	Quantas vezes a unidade se repete?	Quanto custa uma unidade do item?	Custo total do item
Nº	Descrição	Código	Base de Cotação	Tipo de Despesa	Unidade de Medida	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
1	Produtor Executivo	109	Tabela de Referência	Gestão	Semana	3	R\$ 1.700,00	R\$ 5.100,00
2	Diretor Geral	60	Tabela de Referência	Outros	Semana	5	R\$ 1.500,00	R\$ 7.500,00
3	Diretor de Produção	59	Tabela de Referência	Outros	Semana	4	R\$ 1.500,00	R\$ 6.000,00
4	Diretor de Fotografia	56	Tabela de Referência	Outros	Semana	2	R\$ 1.800,00	R\$ 3.600,00
5	Pesquisador	102	Tabela de Referência	Outros	Semana	1	R\$ 1.600,00	R\$ 1.600,00
6	Assistente de Direção	15	Tabela de Referência	Outros	Semana	1	R\$ 1.200,00	R\$ 1.200,00
7	Operador de Áudio para Monitor	170,01	Tabela de Referência	Outros	Semana	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
8	Editor	170,06	Tabela de Referência	Outros	Semana	2	R\$ 800,00	R\$ 1.600,00
9	Locação de Microfone Lapela		Orçamentos	Outros	Dia	7	R\$ 45,00	R\$ 315,00

10	Locação de Gravador de Som Portátil		Orçamentos	Outros	Dia	7	R\$ 50,00	R\$ 350,00
11	Locação de Kit de Fotografia (câmera + tripé + monitor + lente)		Orçamentos	Outros	Dia	7	R\$ 630,00	R\$ 4.410,00
12	Locação de Kit de Iluminação (rebatedor + mala de luz)		Orçamentos	Outros	Dia	7	R\$ 310,00	R\$ 2.170,00
13	Gasolina Automotiva Comum	139	Tabela de Referência	Outros	Litro	450	R\$ 2,84	R\$ 1.278,00
14	Alimentação	9	Tabela de Referência	Outros	Kg	112	R\$ 21,81	R\$ 2.442,72
15	Arte Gráfica DVD e material de divulgação	50	Tabela de Referência	Divulgação	Semana	1	R\$ 1.078,38	R\$ 1.078,38
16	Prensagem de DVD	96,2	Tabela de Referência	Divulgação	UN	100	R\$ 2,32	R\$ 232,00
17	Impressão arte DVD		Orçamentos	Divulgação	UN	100	R\$ 3,00	R\$ 300,00
18	Impressão cartazes		Orçamentos	Divulgação	UN	15	R\$ 10,00	R\$ 150,00
19	TOTAL:							R\$ 40.326,10

5. CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E DESEMBOLSO						
Atividade Geral	Descrição	Local	Início		Término	
Início do projeto	Iniciar os trâmites burocráticos do projeto, tais como: abertura de contas e contratação da equipe.	Brasília	mês 1	semana 1	mês 1	semana 2
Pesquisa	Selecionar filmes e textos literários para referência que contribuirá com a concepção da abordagem documental e idealização estética do filme. Pesquisa de materiais de arquivo nas emissoras de tv e nas redações de jornais impressos locais, e pesquisa de documentos, relatórios e dados gerais na Polícia Militar.	Brasília	mês 1	semana 1	mês 1	semana 4
Conclusão da pesquisa	Organização e análise da pesquisa.	Brasília	mês 2	semana 1	mês 2	semana 2
Elaboração de abordagem e metodologia	Buscar contatos de ex-integrantes das gangues, definir entrevistados e agendar encontros. Elaboração das perguntas, desenvolvimento dos diálogos e elaboração de cronograma de filmagens.	Brasília	mês 2	semana 3	mês 3	semana 1

Pré-produção	Procura das locações externas para entrevistas e Imagens de cobertura; desenvolvimento de cronogramas de filmagem.	Brasília	mês 3	semana 1	mês 3	semana 1
Produção	Filmagem de entrevistas, imagens de cobertura, acompanhamento do cotidiano dos personagens.	Brasília	mês 3	semana 2	mês 3	semana 2
Finalização do produto	Decoupage, edição, coloração, confecção de arte final (desenhos, animações de fotos, créditos), tratamento de fotos still, edição de áudio e trilhas sonoras.	Brasília	mês 3	semana 3	mês 4	semana 2
Criação de material para divulgação e distribuição	Elaboração do material gráfico (cartazes, capa de dvd), impressões e gravações dos dvd's.	Brasília	mês 4	semana 3	mês 5	semana 1
Distribuição	Inscrição do filme em festivais e em canais de vídeo na internet.	Brasília	mês 5	semana 1	mês 8	semana 4

Currículos resumidos dos integrantes da equipe artística/técnica

Diretora: Ana Maria Ultra reside em Brasília e cursa Audiovisual na Universidade de Brasília, é co-diretora do curta-metragem *Virilhas* (ainda em processo de finalização), foi integrante da equipe de produção do curta-metragem apoiado pelo Fundo de Apoio à Cultura *A Arte de Andar pelas Ruas de Brasília*, vencedor do Troféu Candango no 44º FBCB; recentemente também fez parte da equipe de produção do piloto da série *Palhaços Tristes*, de Rafael Lobo e, também integrou a equipe de produção do XII Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audio visual – SOCINE 2008. Fez parte da equipe de fotografia do curta-metragem *Confinado* (2010), também do diretor Rafael Lobo, fez parte da fotografia do documentário *Tempo de Kuarup*, realizado no Xingu em 2011/2012 e do documentário *Rikbaksta*, sobre a aldeia indígena de mesmo nome, realizado no Mato Grosso em 2012.

Diretora de Produção: Natália Pires reside em Brasília e é graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília, fez parte da equipe de produção de vários curta-metragens apoiados pelo Fundo de Apoio à Cultura, como *A Arte de Andar pelas Ruas de Brasília*, vencedor do Troféu Candango no 44º FBCB. Integrou a equipe de produção do longa *Raça* (Título Provisório), de Joel Zito Araújo e Megan Mylan, e co-dirigiu o curta *Procedimento Hassali ao Alcance do Seu Bolso*. Recentemente produziu o piloto da série *Palhaços Tristes*, de Rafael Lobo. Atua como produtora cultural em eventos relacionados a diferentes linguagens artísticas, como cinema, música e artes visuais.

Produtora Executiva: Rebeca Damian reside em Brasília e se graduou em Audiovisual pela Universidade de Brasília concluída em julho de 2008, com o projeto “Extramuros – um documentário sobre o Núcleo de Custódia Feminino de Brasília”. Sua experiência com produção cultural passa pelos projetos *Rua Cinema Nosso* (2012), patrocinado pelo FAC 2011, no qual fez direção geral; 10ª FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty (2012), no qual fez produção de base; Coordenação de Co-produção e Políticas Públicas – Gerência de

Aquisições e Produção Independente – TV Cultura – Fundação Padre Anchieta (2011/2012) , em que fez produção executiva e gestão de equipe; Coletivo com Arte (2011), em que fez coordenação de produção da exposição de obras de artistas de Brasília em espaços de busdoor, projeto patrocinado pelo FAC

2010; Fez assistência de produção local nas mostras: Mostra Clássicos e Raros do Nosso Cinema (2010), Mostra Brasília 50 Anos (2010) – realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília; Mostra Saudades de Grande Otelo (2009) - Realização: Casa Cinco (RJ) e Associação Cidadela (RJ), Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília.

Fez produção local dos eventos: II Fórum Nacional de TVs Públicas (2009) – Realização: ABEPEC; V, VI e VII Festival Internacional de Cinema Infantil (2007/2008/2009)

Sua experiência com filmes: “A arte de andar pelas ruas de Brasília” (2011) – Assistência de Direção e Produção de elenco do curta-metragem de Rafaela Camelo, patrocinado pelo FAC; “O roteiro para minha morte” (2009) – Coordenação de Produção do curta-metragem de Pablo Gonçalo, digital, patrocinado pelo FAC; “Ilhados” (2008) – Produção e Som direto de documentário, parte integrante do Projeto Viramundo, no Arquipélago de Fernando de Noronha, em fase de pósprodução; “Do andar de baixo” (2005) – Assistência de fotografia; “São Severino” (2005) – Produção; “Oficina Perdiz” (2005) – Assistência de produção no documentário do diretor Marcelo Diaz. O filme já participou de mostras e festivais em Brasília (38º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, 3ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos da América do Sul, entre outros), no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Cuba e EUA; “Um último dia” (2003) – Produção de arte no curta-metragem em 16mm, de Nara Riella, participante da mostra competitiva 16mm e mostra Brasília, e vencedor do troféu câmara legislativa do DF, do 36º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, vencedor de prêmios da ABCV (Associação Brasileira de Cinema e Vídeo), incluindo o prêmio de direção de arte.

Diretor de Fotografia: Cledison Pereira reside em Brasília e é operador de câmera e Diretor de fotografia. Estudou no Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb), onde formou-se bacharel em cinema em 2012. Trabalha desde de 2009 na Unbtv. Trabalhou como Diretor de fotografia nos filmes: E no

Abismo de Nós Havia Azul e Cinza (Dir. Erika Cardoso), Ella(Dir. Thiago Sutir), Geração Baré-Cola (Dir. Patrick Grosner), A sétima casa (Dir. Bruna Martins). Foi assistente de fotografia nos filmes: O Corpo da Carne(Dir. Marisa Mendonça), Negócios a Parte(Dir. Juliana Botelho), Manual para Piqueniques (Dir. Jaqueline Pereira) e Virilhas (Dir. Ana Maria Ultra, Mariana Amaral).

Assistente de Direção: Vinícius Fernandes reside em Brasília e estuda audiovisual na UnB desde 2008. Possui experiência em produção, fotografia, roteiro e montagem audiovisual. Trabalhou como editor de programas de TV e publicidade, além de ser produtor de vídeos para o curso de pós-graduação à distância da Universidade Aberta do SUS. Realizou, em 2011, o curta-metragem “Pelo Caminho” (Digital, 19min), que participou, entre outros eventos, do Festival Primeiro Plano (MG), recebendo menção honrosa de melhor atriz para Camila Márdila e prêmio de Trilha Sonora para Ricardo Ponte. Desenvolve, desde 2012 pesquisa audiovisual no Coletivo Irmãos Guimarães. No coletivo desempenha a função de vídeo-maker. Além de pesquisa de linguagem, realiza ensaios fotográficos, produz vídeos, vinhetas, teasers, registro videográfico de peças, ensaios, instalação e performances no Coletivo. O trabalho mais recente é a vídeo-instalação “No Singular, Nada de Move”, em que fez co-direção de fotografia e edição, exibido no CCBB - Brasília.

Técnico e editor de som: Elias Guerra reside em Brasília e é graduado em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Atua no mercado audiovisual desde 2009, quando trabalhou na UnBTV como editor de vídeo e operador de câmera, ainda desempenhando as mesmas funções trabalhou no site de cultura Viver em Brasília e na produtora audiovisual Chá com Nozes. Dentro da mesma, cumpriu também a função de Diretor Cinematográfico. Fez roteiro, direção e edição do curta A Menor Distância Entre Dois Pontos (2010) vencedor dos prêmios de Melhor Roteiro no 10º Festival Nóia de Fortaleza, Melhor roteiro e Melhor Ator no 9º Curta Santos e Troféu Câmara Legislativa de Melhor Curta-Metragem do Distrito Federal no 43º FBCB. Fotógrafo e Editor de imagem e Som do curta documentário Entre Vãos (2010) vencedor do Prêmio de Melhor Fotografia na Mostra Competitiva

Digital no 43º FBCB, também atuou como design e técnico de som em diversos curtas metragens como *Sobre Esaú e Jacó* (2011) Vencedor do Prêmio de Melhor Desenho de Som do 3º Festival do IESB, *Meu Amigo, Meu avô* (2011), *Atlético Clube Seridó* (2012) e *Babilônia Norte* (2013). Além disso, também produziu, dirigiu e editou som no projeto de rádio *Sons do Cerrado* em parceria com a Rádio Comunitária Utopia FM, vencedor do Prêmio Roquette-Pinto. Atualmente é sócio e gerente de narrativas na empresa audiovisual Rodoferrô.

Editor: Gabriel marinho reside em Brasília e possui graduação em Comunicação Social, pela Universidade de Brasília, UnB, com habilitação em Audiovisual; e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense, UFF.

Atuando desde 2005 com diretores como Vladimir Carvalho e Silvio Tendler, já trabalhou como editor de telejornalismo diário na TV BRASÍLIA, Coordenador audiovisual do Projeto Música para Crianças, assistente de direção, pesquisador de imagens de arquivos para curtas, séries e longas-metragens.

Como realizador, dirigiu o documentário “Memórias Finais da República de Fardas”(2008), que obteve prêmios no Brasil, exposições internacionais e seleção para a PROGRAMADORA BRASIL através da Cinemateca Brasileira e o longa-metragem “O Prólogo”(2013), vencedor prêmio *Histórias que Ficam*, ainda em fase de finalização.

Além disso, publica artigos científicos sobre cinema documentário, cinema político, pesquisa e restauração de imagens arquivo.

Atualmente, trabalha como Coordenador de Produção na TV Escola.

Pesquisador: Pedro Mesquita de Carvalho reside em Brasília e é Historiador formado pela Universidade de Brasília, integrou projeto de pesquisa da Faculdade de Educação da UnB “Memória da Educação no Distrito Federal” onde pesquisou no setor de microfimes da Câmara dos Deputados, investigando a imprensa nos primeiros anos de Brasília; no Arquivo Público do Distrito Federal no Fundo Yvonne Jean e além de diversos arquivos

particulares de pioneiros. Também desenvolveu pesquisa sobre os primeiros anos da UnB a partir da experiência dos professores Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e da jornalista Yvonne Jean. Seus temas de interesse são: História da Educação de Brasília, História de Brasília (Distrito Federal), História da Universidade de Brasília.